VOZ OPERÁRIA

N. 248 ☆ RIO DE JANEIRO ☆ 13-2-1954

BIBLIOTECA NACIONAL

EDITORIAL

VARGAS, INSTRUMENTO SERVIL DOS IMPERIALISTAS AMERICANOS

NO DISCURSO que pronunciou ao se iniciar o quarto ano de seu govêrno, o sr. Vargas dá um exemplo de que não vacila em recorrer à mais grosseira demagogia, na tentativa de iludir a opinião pública e ocultar a sua verdadeira face de govêrno anti-popular e anti-nacional. Mas, como diz a sabedoria do povo, mais depressa se pega um mentiroso do que um coxo. E vargas, não foge à regra.

Que pretende o sr. Vargas neste discurso? Pretende, em primeiro lugar, apresentar-se como chefe de um govêrno que vem resolvendo os problemas nacionais. Nesse sentido, chega à desfaçatez de afirmar que, sob a administração, o Brasil se desenvolve ràpidamente, avançando no caminho do progresso. Os fatos porém, desmentem por completo as afirmações do estancieiro de Itu e provam, como afirma o Programa do P.C.B., que o seu govêrno conduz o país ao estancamento e ao atraso crescente. Lembramos, a propósito, o que dizia o relatório do ano passado do insuspeitíssimo presidente da Comissão de Finanças da Câmara Federal, retratanto a situação do país: «Há falta de energia elétrica, há falta de transporte, há falta de matérias-primas para as indústrias, há falta até de peças para a manutenção dos equipamento mecânicos há falta, enfim, de um número de objetos de consumo indispensáveis. Não se conseguiu debelar, nem ao menos reduzir, a intensidade da crise inflacionária, que cada vez mais se agrava. As medidas financeiras adotadas nos três últimos anos não surtiram resultados». Será que se pode chamar a isto de progresso?

Refere-se o sr. Vargas à siderurgia e à indústria de energia elétrica como aspectos fundamentais de seu «programa» só agora anunciado. Mas o que se verifica atualmente em Volta Redonda senão o sacrifício dessa nossa indústria de base em proveito do monopólio ianque do aço? E quem pode acreditar em qualquer solução nacional para o problema de energia com êste govêrno que legaliza o racionamento, entrega à Light os fundos do Banco Nacional de Desenvolvimento e dá de mão beijada à «Bond and Share» a energia de Paulo Afonso?

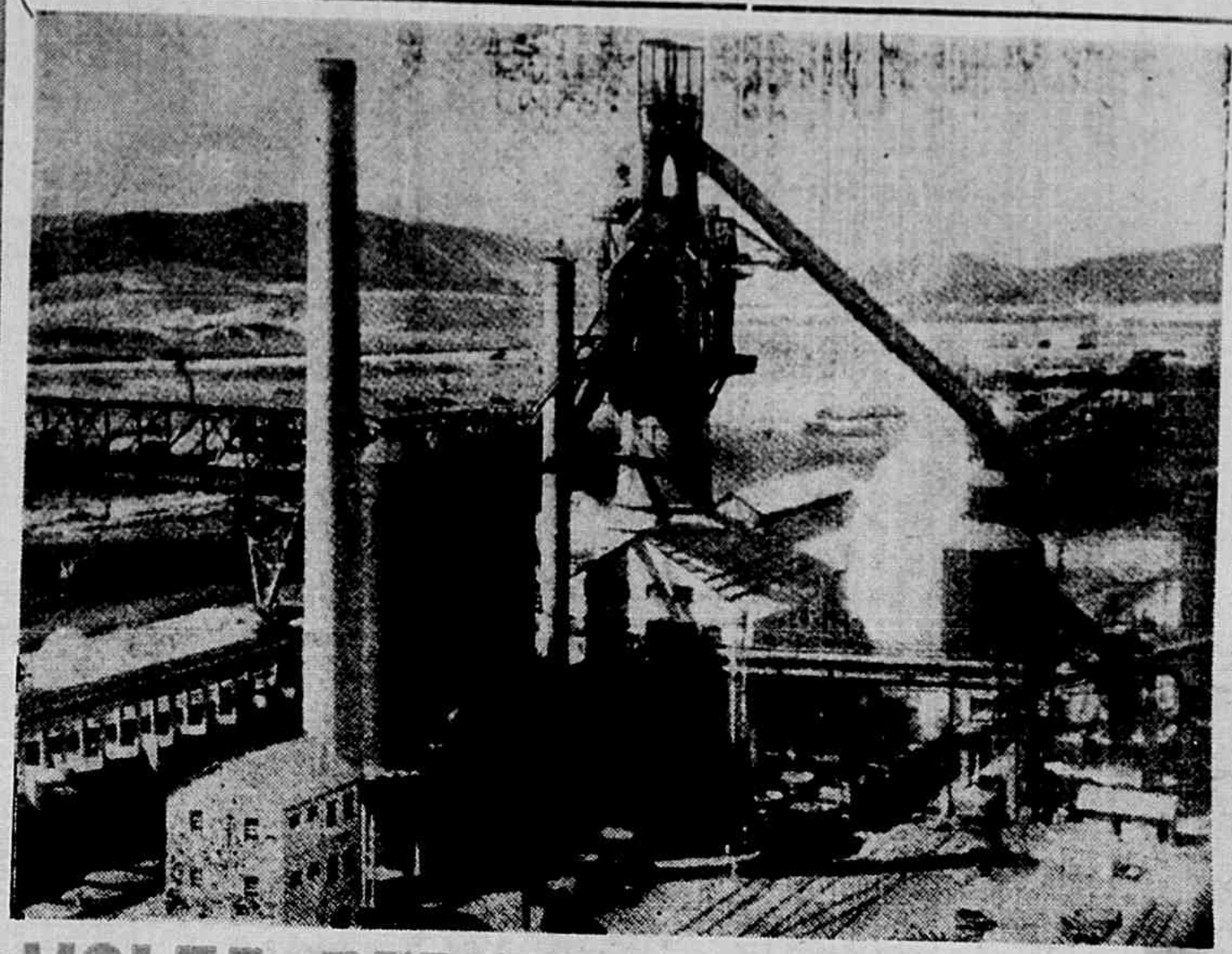
Mas é sôbre as grandes massas de nosso povo que caem de cheio as consequência do «progresso» de Vargas. Antes de se completar os três anos de seu govêrno, de janeiro a 1951 a outubro de 1953, o custo de vida havia se elevado no país em 84%. E com os últimos aumentos — do café, do açucar, do leite, do pão, etc. — esta elevação se torna ainda mais espantosa. Ao demagógico palavreado de Vargas antepõe-se a dolorosa realidade, contida em relatório da ONU, de ocupar o Brasil, quanto à elevação do custo de vida, um lugar de primasia entre todos os países do mundo. E' a isto que o sr. Vargas chama de progresso?

Outro objetivo visado pelo sr. Vargas em seu discurso é apresentar-se ao povo como chefe de um govêrno «nacionalista». Nesse sentido, menciona dois aspectos isolados da pilhagem a que monopolistas ianques submetem nossa pátria, tendo o cinismo de afirmar que, em face das medidas por êle tomadas, já agora estamos a salvo das «sangrias» a que se refere no discurso. O sr. Vargas menospreza, sem dúvida, a inteligência de nosso povo. Conhecendo a realidade nacional e esclarecidos pelo Partido Comunista sabem os patriotas que a dominação americana em nossa terra não se limita a um ou outro aspecto isolado, mas que «os imperialistas americanos penetram em todos os pôvos da vida econômica, política, cultural e social do país, humilham o nosso povo, liquidam a soberania e a independência da nação, que tratam de reduzir por completo à situação de colônia dos Estados Unidos». Ao lado de inúmeros outros exemplo, aí está, ante a manobra baixista nos Estados Unidos contra o café, a maneira servil com que Vargas dobra a espinha aos senhores do dolar. Tal é o açodamento do govêrno em se desculpar que chega a fazer a confissão, em nota oficial, de ter instituido a bonificação aos exportadores, de cinco cruzeiros por dolar de café, com o propósito de assegurar «benefícios de preço para o consumidor americano», embora em sacrifício do «consumidor brasileiro».

É, aliás, o próprio Vargas que se apressa em deixar bem claro que «não pretende nacionalizar nem os bens nem o capital estrangeiro»; que seu govêrno «assegura prioridade cambial aos lucros do capital estrangeiro»; que o Brasil é uma nação onde os trustes obtêm lucros sempre superiores a 10%;

Os fatos mostram que é impossível a Vargas ocultar o caráter de traição nacional de seu govêrno, esconder a sua face de instrumento servil dos imperialistas norte-americanos.

Os patriotas brasileiros não se iludem com as tiradas demogógicas de Vargas. Sabem que, como afirma o Programa do P.C.B., a soberania e a independência da nação, o progresso do Brasil e a felicidade de nosso povo egixem a substituição do seu govêrno, anti-popular e anti-nacional, pelo govêrno democrático de libertação nacional. Nesta luta forja-se a unidade de tôdas as fôrças patrióticas, democráticas, progressistas e populares, em marcha para o triunfo.



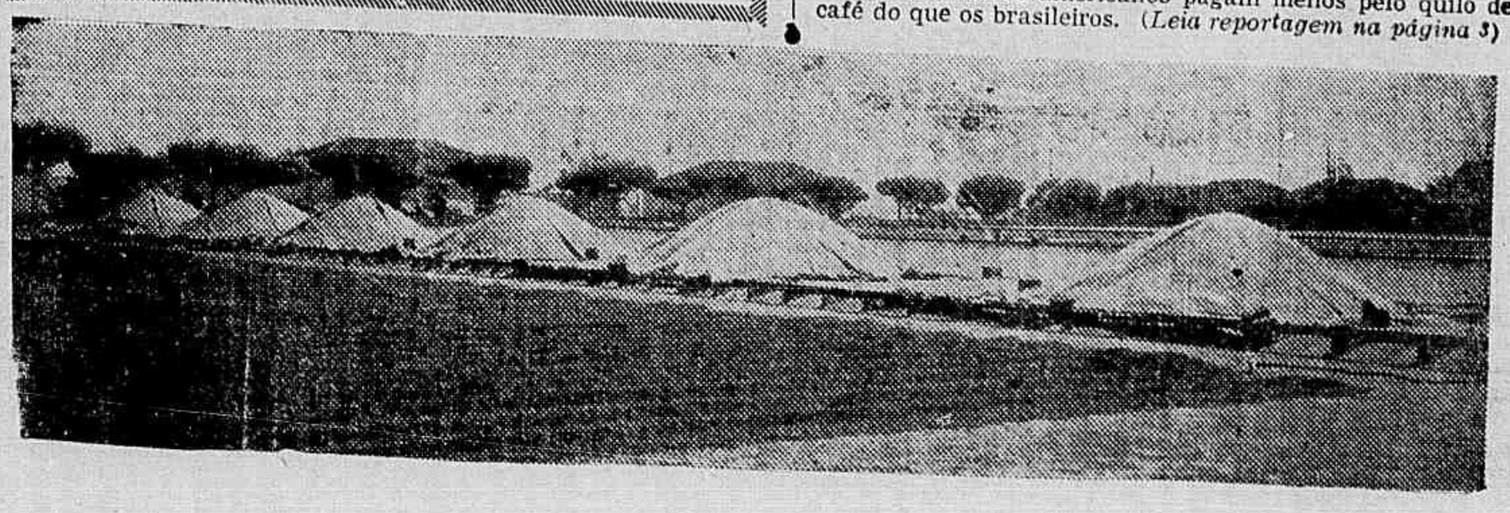
VOLTA REDONDA SOB O JUGO DO IMPERIALISMO IANQUE

★ **Não podendo impedir a criação de Volta Redonda, o imperialismo americano tratou de conseguir posições de contrôle sôbre a usina.**

★ **Volta Redonda é um patrimonio do povo, uma sua conquista, e como tal deve ser cuidadosamente preservada e desenvolvida.**

(Reportagem na página central)

Durante muitos anos o café foi mantido sob o regime de preço-teto, por imposição do govêrno norte-americano — Os consumidores americanos pagam menos pelo quilo de café do que os brasileiros. (*Leia reportagem na página 3*)



Resumo da

Declaração de Molotov

A 25 de Janeiro de 1954, Na Conferência de Berlim

(Na página 5)

Programa do P.C.B. O Povo Debate o Programa do P.C.B. O Povo Debate o

SÔBRE A INEVITABILIDADE DA REVOLUÇÃO NO BRASIL

Orgetórige Ortigão

EM SEU informe sôbre o projeto de Programa do PCB, o camarada Prestes diz que a luta revolucionária no Brasil é inevitável. Em outras palavras, isto quer dizer a Revolução não é invencionice dos comunistas.

Os inimigos do proletariado costumam dizer que os comunistas são provocadores de greves. Já no século passado, os operários brasileiros fizeram numerosas greves e, em 1917, São Paulo se viu totalmente paralisada por um dos maiores movimentos grevistas de nossa história. Entretanto, nas épocas referidas ainda não existia o Partido Comunista.

Como explicar, pois, que, sendo os comunistas os «responsáveis» pela eclosão de greves e não existindo, então, o Partido Comunista, já, naquelas épocas, havia movimento grevista?

Isto vem demonstrar que os comunistas jamais «fabricaram» ou «fabricam» greves.

Quando o camarada Prestes afirma a inevitabilidade da luta revolucionária no Brasil, entendemos que a Revolução será feita mesmo contra a vontade dos homens.

A sociedade não é dirigida pelos desejos ou sentimentos dos figurões, mas pelas leis econômicas que atuam independentemente da vontade do conhecimento dos homens.

A lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o carater das fôrças produtivas exige que as relações de produção correspondam ao desenvolvimento das fôrças produtivas. Quando isto não se dá, torna-se necessário substituir as velhas relações de produção, por novas correspondentes ao caráter das fôrças produtivas.

O projeto de Programa assinala que as relações de produção, no Brasil, são ainda semi-feudais. Enquanto isto, observamos que as fôrças produtivas se desenvolvem no sentido do capitalismo. A lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o caráter das fôrças produtivas, exige, portanto, que estas relações de produção, semi-feudais existentes sejam substituídas por novas relações de produção, capitalistas, correspondentes ao caráter das fôrças produtivas que se desenvolvem para o capitalismo.

Como será feita esta mudança? Por vias pacíficas? Por violência?

Em seu magistral trabalho, «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS», o saudoso Stálin dizia:

«...no domínio econômico os descobrimentos e as aplicações de novas leis, que afetem os interêsses das fôrças moribundas da sociedade, encontram a mais forte resistência por parte destas fôrças.»

Ora, no momento atual, existem no Brasil «fôrças moribundas» que tudo fazem para impedir a aplicação desta lei. O projeto de Programa aponta-nos que estas fôrças são os latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas americanos, que estão vivamente interessados na continuação das atuais relações semi-feudais de produção.

Mas a lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o caráter das fôrças produtivas não quer saber se existem ou não fôrças interessadas na continuação das atuais relações de produção. Ela continua atuando e o result do final será a Revolução que o camarada Prestes afirma ser inevitável.

Revolução e greves não são «invenções» de comunistas, como afirmam os inimigos do proletariado, mas essência de uma sociedade dividida em classes antagonicas.

Agora, Com o Programa, Acertamos o Caminho

NUM confronto cuidadoso entre o Manifesto de Agosto e o Programa observamos que não soubemos anteriormente preparar os alicerces da Revolução.

Agora, com o Programa do P.C.B., damos clareza, no conjunto da situação nacional, às reivindicações da burguesia nacional caracterizamos o imperialismo norte-americano como o inimigo principal do povo brasileiro. Com seus sustentáculos internos — grandes latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas ianques — o imperialismo ianque leva nosso povo à miséria, arruina o Brasil, traz a carestia a inflação, o aumento de impostos, etc.

A maioria do povo é, sem dúvida, o campesinato, que constitui 70 por cento da população: os colonos, peões, vaqueiros, arrendatários, pequenos sitiantes sem terra ou que a tem pouca, vivem explorados pelos grandes latifundiários. Há ainda a considerar a pequena burguesia urbana, a intelectualidade progressista.

Tôdas essas classes e canadas, tendo à frente a classe operária, estão interessadas na Revolução. O Programa aponta que, só a substituição dêsse regime dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo americano por um regime democrático popular pode trazer o progresso de nossa pátria, beneficiar a maioria esmagadora da Nação.

O Manifesto de Agosto não estava à altura da realidade. Que fez então, a direção do C. C. quando precisamos marchar com acêrto para a frente? Foram cêrca de dois anos de estudos aprofundados, à base do marxismo criador que revelam coisas novas, novos problemas, e o caminho para resolvê-los. E' o Programa do P. C. B.

O Programa nos diz que a crise aumenta, que os americanos estão transformando o país em colônia, que no campo os produtos não têm preço. E' exato. Não é verdade que o algodão, o amendoim, só têm preço depois de açambarcados pela SANBRA E ANDERSON CLAYTON e de acôrdo com o govêrno de Getúlio?

O imperialismo ianque tendo como apoio interno o govêrno de Getúlio ataca a classe operária, os camponeses, os pequenos comerciantes e, mesmo alguns fazendeiros têm seus interesses prejudicados, pois se vêem impedidos de vender os seus produtos livremente a todos os países que nos querem comprar a preços compensadores. Para derrotá-lo é preciso formar a frente única de todo o povo e lutar, como nos indica o Programa.

Com o novo Projeto de Programa tiramos a conclusão de que o Manifesto de Agosto não nos ajudou muito, impediu-nos de andar com acêrto, houve desvios de esquerda, golpismo.

Mas, agora acertamos o caminho. Precisamos avançar na aplicação do Programa. Indicando aos camponeses como saída para a sua situação de miséria, a reforma agrária, estamos pondo em prática o Programa. Lutando pela paz como nossa tarefa central e decisiva estamos pondo em prática o Programa. O mesmo acontece quando lutamos contra o Acôrdo Militar contra as prisões, o cerceamento das liberdades. Em todos êsses casos estamos aplicando o Programa pois, êles dizem respeito aos interêsses do nosso povo.

Tôdas as tarefas nacionais serão realizadas se estudarmos e pormos em prática o Programa. Com êle unificaremos tôdas as fôrças democráticas e progressistas de nossa pátria para a conquista do regime de democracia popular, para a felicidade de nosso povo.

a) Bento PAIVA — Marília

Perguntas e Respostas

POR QUE SERÃO CONFISCADOS OS CAPITAIS E EMPRÊSAS EXCLUSIVAMENTE NORTE-AMERICANOS

Em carta dirigida a êste jornal o leitor David Chaves, do Rio de Janeiro, pede que se esclareça porque motivo o Programa do P.C.B. estabelece o confisco das emprêsas e capitais norte-americanos e, os mesmo tempo, admite como necessária a colaboração de governos e capitalistas estrangeiros cujos capitais possam ser úteis ao desenvolvimento independente da economia nacional. Pergunta o leitor se não haverá aí uma contradição, já que os capitalistas de países como a Inglaterra, França, Alemanha, etc., procuram também obter o lucro máximo?

RESPOSTA — Não existe contradição alguma nos pontos do Programa do P.C.B. a que se refere o leitor David Chaves. Realmente, o Programa estabelece que apenas as emprêsas e os capitais norte-americanos serão confiscados pelo govêrno democrático de libertação nacional. Os capitais e emprêsas pertencentes a governos ou capitalistas de outros países não só deixarão de ser atingidos pelo confisco, mas também, nas novas condições criadas pelo Estado democrático popular, poderão contribuir para o desenvolvimento independente da economia nacional.

Isto significa, portanto, que o Programa distingue claramente entre o imperialismo norte-americano e os capitais e emprêsas de outras potências imperialistas. Como disse o camarada Prestes no informe ao Comitê Central do P.C.B., «no novo projeto de Programa concentramos com justeza o fogo da luta nacional libertadora contra os imperialistas norte-americanos».

Por que isto acontece? Porque, como revela a análise da realidade brasileira, o imperialismo norte-americano se destaca entre todos os demais imperialismos pela sua profunda penetração na vida econômica, política e social da nação, apresentando-se como o inimigo mortal do povo brasileiro. O poderio e a influência que têm os Estados Unidos em nosso país não podem ser comparados com os de qualquer outra potência imperialista. Tão grande é esta influência que atualmente, como mostra com tôda clareza o Programa do P.C.B., o Brasil é um país que pende suas características de nação soberana e se transforma em colônia dos Estados Unidos.

A posição dominante do imperialismo americano se comprova, por exemplo, pelo enorme vulto das inversões do capital ianque no Brasil. De acôrdo com estimativas do Departamento do Comércio dos Estados Unidos, os investimentos privados de emprêsas norte-americanas no Brasil «chegam a uma cifra aproximada de um bilhão de dolares» ou seja — equivalendo o dólar a 50 cruzeiros — cêrca de 50 bilhões de cruzeiros, quase a quinta parte do total da renda nacional.

As demais potências imperialistas, quanto ao seu poderio em nosso país, encontram-se em situação muito inferior aos Estados Unidos. Embora lutem acirradamente pela conquista de novas posições, há entre êles uma enorme distância. Exemplo disto oferecem os dados oficiais do Banco do Brasil relativos à entrada no país de capitais estrangeiros particulares, no ano de 1952. Segundo êsses dados, em um total de 176 milhões de cruzeiros invertidos, 112 milhões de cruzeiros provinham dos Estados Unidos, enquanto 31 milhões eram de origem alemã, 15 milhões procediam da França e sòmente 4 milhões pertenciam à Inglaterra. Como se vê, mais de 60 por cento dêsses investimentos eram capitais norte-americanos.

Mas não se trata apenas disto. Como mostra o Programa do P.C.B., os imperialistas americanos, através da penetração cada dia maior de seus capitais em nosso país, mantêm sob a sua crescente dominação ou sob o seu contrôle todos os mais importantes setores da economia brasileira — que «vai sendo, assim, transformada em simples apêndice da economia de guerra dos Estados Unidos». Isto se verifica em relação às nossas riquezas minerais, à produção de energia elétrica, a grande parte da indústria — principalmente a indústria de base —, aos transportes, etc. Isto se verifica particularmente quanto ao comércio exterior, que na prática se acha em mãos dos monopólios americanos pois, como se sabe, cêrca de 50 por cento de nossas exportações se destinam aos Estados Unidos, enquanto os nossos três principais produtos de exportação — café, algodão e cacau — são dominados por monopolistas norte-americanos, como a «Sanbra», a «Anderson Clayton» e a «American Coffee».

A predominância alcançada pelos monopólios dos Estados Unidos na economia brasileira assegura aos imperialistas norte-americanos uma posição de domínio também nos demais setores da vida nacional. O aparelho do Estado encontra-se em suas mãos e tôda a vida política, social e cultural do país se desenvolve de acôrdo com as imposições dos dominadores ianques. O nosso país não pode ser livre e próspero enquanto existir em nossa pátria a dominação americana.

A realidade mostra, assim, que é precisamente o imperialismo norte-americano que domina o país, ameaçando reduzir o Brasil à condição de simples colônia dos Estados Unidos. Nas atuais circunstâncias, nenhuma outra potência imperialista representa uma ameaça semelhante.

O imperialismo americano é, pois, o inimigo principal, de quem parte o perigo mais grave e mortal para o nosso povo. Contra êste inimigo, portanto, é que deve ser centralizado o fogo da luta pela libertação nacional. Colocar num plano de igualdade o imperialismo norte-americano e os demais imperialismos seria agir em sentido contrário à realidade, seria dispersar as fôrças nacional-libertadoras e democráticas e, assim, enfraquecer a luta pela vitória da frente democrática da libertação nacional.

Isto precisamente é o que nos indica a experiência vitoriosa da China. O principal inimigo na China era, como é no Brasil, o imperialismo norte-americano que, através de seu títere Chiang Kai-Shek, sustentava a guerra contra-revolucionária contra o povo chinês. Por tal motivo, a luta do povo chinês, dirigida pelo glorioso Partido Comunista e seu grande chefe Mao Tsé-Tung, concentrava-se unicamente contra o imperialismo norte-americano e em defesa da independência nacional. Mesmo depois da vitória da Revolução e da instauração da República Popular Chinesa, vem sendo permitida a existência na China de emprêsas e capitais inglêses.

O Partido Comunista da India, em seu Programa, dá também, um exemplo de como concentrar o ataque no inimigo principal. Na India — apesar da divisão do mundo em dois campos e de serem os Estados Unidos o dirigente do campo da guerra e do imperialismo — o principal inimigo é o imperialismo inglês, que domina a economia da India, impede o progresso do país e conserva na miséria o povo indiano. Por isto diz o Programa do P.C. da India: «Para transformar-se num Estado verdadeiramente independente, a India deve romper com o Império, pôr termo à dominação do capital britânico na economia do país e livrar-se dos conselheiros britânicos».

Ao determinar o confisco das emprêsas e capitais exclusivamente norte-americanos, o Programa do P.C.B. está dirigindo o golpe das fôrças nacional-libertadoras e democráticas contra o inimigo principal, o imperialismo americano. Trata-se de uma sábia medida, que corresponde com exatidão às condições econômicas e sociais existentes no Brasil e que contribui para tornar mais próxima a vitória do govêrno democrático de libertação nacional. Só através do confisco das emprêsas e capitais norte-americanos será possível remover as profundas raizes da dominação econômica dos Estados Unidos no Brasil e acabar com o predomínio, em todos os setores, do imperialismo americano em nossa pátria, condição fundamental para o total libertação do país.

Quanto aos capitais e emprêsas de outras potências estrangeiras, que não serão confiscados e portanto permanecerão no país será perfeitamente possível o seu contrôle pelo Estado democrático-popular. Essas potências estrangeiras, embora não deixando de ser imperialistas, não dispõem do poder que tem o imperialismo americano no Brasil, não dominam a economia e a vida nacional. O Estado democrático popular pode, por isso, permitir a sua existência e terá as condições necessárias para — como consigna o ponto 30 do Programa — submetê-los às leis brasileiras, leis do novo poder, do Estado democrático-popular. Essas condições serão uma decorrência do próprio confisco das emprêsas e capitais norte-americanos, providência que dará ao novo poder uma fôrça econômica muitas vezes superior à das potências estrangeiras cujos capitais e emprêsas ficarão no país.

Limitar o confisco às emprêsas e capitais norte-americanos é, pois, uma justa e sábia medida, que reduz o número dos inimigos do povo brasileiro a enfrentar e, portanto, torna mais perto de nós o triunfo do govêrno democrático de libertação nacional.

Com a «bonificação» do café

Vargas Arranca Dinheiro do Povo Brasileiro Para Que os Norte-Americanos Tomem Café Barato

EM meados do mês de janeiro desencadeou-se nos Estados Unidos uma violenta campanha contra o nível atual dos preços do café, tendente a forçar a baixa do produto. Como é sabido, desde os primeiros anos do após-guerra os preços do café só artificialmente foram impedidos de subir, porque a oferta do produto vem sendo consideràvelmente inferior à procura em expansão. Com a geada que destruiu boa parte dos cafezais brasileiros em fins do ano passado, entre outros fatores, esta situação se agravou determinando rápida alta do produto nos Estados Unidos.

Iniciou-se então a violenta campanha pela baixa do preço do café, abertamente estimulada, como reconhece a própria Comissão Especial do Café do Conselho Econômico e Social Interamericano, por declarações públicas de personalidades norte-americanas.

Importância do café para a economia brasileira

Para se avaliar a importância que as exportações de Café têm para a economia brasileira, basta considerar parcelas crescentes com que o café vem participando no conjunto das vendas do Brasil para exterior. Assim é que nos últimos trinta e três anos, apenas em 1924 a contribuição do café para o valor total das exportações brasileiras alcançou índice mais elevado do que no ano de 1952. E' claro que tal acontece devido à política de entrega do país à colonização crescente pelo imperialismo norte-americano que carreia de nossa pátria muitos outros produtos, particularmente minérios como o ferro e o manganês, em grandes quantidades e a preços baixíssimos. De qualquer forma, no entanto, a verdade é que a percentagem do café no montante geral do valor de nossas exportações vem crescendo, como vê pela seguinte ta-

1948	41.58%
1949	57.61%
1950	63.85%
1951	59.84%
1952	73.71%

Representando tão elevada parcela, o café continua a ser para o país a principal fonte de divisas estrangeiras, particularmente de dólares. Sendo assim, é compreensível que a baixa de sua cotação representaria uma tremenda perda para o Brasil, em benefício exclusivo dos grandes negocistas, particularmente dos trustes como a Anderson Clayton e a American Coffee que, predominam no comércio do produto.

Um exemplo recente ilustra significativamente esta questão. A entrevista subserviente do dr. Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda de Vargas, foi saudada pelos baixistas norte-americanos com uma baixa de 53 pontos na cotação do café na Bolsa de Nova York. Segundo informou o «Diário Carioca», **essa queda de pouco mais de meio centavo (de dólar), em um único dia, representa para o Brasil um prejuízo de quase DEZ BILHÕES DE DÓLARES...»**

E' fácil compreender quem embolsou esse dinheiro...

Relações de metrópole para Colônia

O café brasileiro, devido à dominação ianque do país, é carreado para fora a preços ínfimos. E' bem sabido que durante muitos anos o café foi mantido sob o regime de preço-teto, por imposição do govêrno norte-americano. Ainda assim as cotações não atingiam o limite fixado devido às reexportações e às constantes manobras baixistas por parte dos ianques. Desse modo o café brasileiro era permanentemente mantido num nível baixo, mesmo depois de suspenso o regime dos preços-teto, utilizando os norte-americanos, para obter êsse resultado, inclusive o recurso de pressionar os produtores brasileiros através de evitarem as compras no Brasil, dando preferência à Colombia e a outros países.

Ultimamente, diante de uma pequena alta, o govêrno norte-americano manifestou-se abertamente em contrário aos interêsses nacionais, exercendo forte pressão no sentido da baixa. Não se trata no caso apenas da agitação desencadeada nos jornais americanos, e no Congresso dos Estados Unidos, através de declarações de senadores e deputados. O próprio executivo ianque manifestou-se e, por ordem de Eisenhower, foi aberto um inquérito sôbre preços do café, como se se tratasse de um crime contra a segurança dos Estados Unidos.

Como se vê, tôda a evolução do rumoroso caso do café demonstra a concepção que têm os «bosses» ianques a respeito de nosso país. Tratam o Brasil verdadeiramente como colônia, e, através da pressão diplomática, econômica e de tôda natureza intervêm abertamente no sentido de forçar a baixa do café, o que significa, em última instância, intensificar o saque ao país.

O Café, submetido ao processo de tiragem de amostra, antes de ser exportado.

Mais barato que no Brasil o café brasileiro

E qual é a posição do govêrno de Vargas em tudo isso?

Ela está expressa com clareza na nota fornecida à imprensa por seu «mago» das finanças, o desmoralizado Osvaldo Aranha, velho agente dos trustes norte-americanos.

A longa nota oficial do ministro de Vargas, vazada em termos de subserviência aos norte-americanos, é uma confissão completa de que o govêrno de Vargas defende, também nesse caso, os interêsses de Wall Street. Tirando-a máscara de seu famoso «esquema», Osvaldo Aranha diz com tôdas as letras que a bonificação de cinco cruzeiros por dólar de café exportado visa a produzir vantagens de preço para o consumidor americano, em prejuízo do consumidor nacional. A verdade não é outra, realmente. O estranho é que um ministro da República, num govêrno que pretende passar por brasileiro, tenha a desfaçatez de declará-lo de público. Na verdade, o consumidor americano paga menos pelo café do que o consumidor nacional. Mesmo agora, com a relativa alta do produto nos Estados Unidos, os consumidores americanos compram o café por um dólar a libra, o que vale dizer cerca de 38 cruzeiros o quilo, enquanto no Rio se paga pela mesma quantidade no mínimo 47 cruzeiros e, em São Paulo, o café já é vendido por 64 cruzeiros o quilo.

No mais, a nota se limita a dizer que «no comércio do café o brasileiro contribui apenas com o produto de seu trabalho» e se declara pràticamente à espera das providências que o govêrno americano houver por bem tomar. O govêrno de Vargas cumprirá o que for decidido...

Que ressalta de tudo isso?

Ficam inteiramente claras as relações de metrópole para colônia que o govêrno norte-americano impõe ao Brasil, de um lado. E, de outro lado, com a posição assumida pelo govêrno de Vargas, é indisfarçavel, até para os mais cegos, seu papel de lacaio dos monopolistas ianques, em prosseguimento de sua política de traição aos interêsses do Brasil que Vargas segue sem desfalecimentos.

O caminho para o progresso do país, para terminar com o fato de as riquezas nacionais servirem para enriquecer os trustes ianques, só pode ser o de romper aquelas relações de dependência para com os Estados Unidos liquidando com o govêrno de latifundiários e grandes capitalistas que é o sustentáculo e o apoio interno da dominação ianque.

O ABASTECIMENTO DE ÁGUA

EM outubro de 1952, quando ainda guardava «segredo» sôbre seu verdadeiro «plano» de govêrno, Getúlio prometeu pomposamente que daria as instalações de água e esgôto para todos os municípios brasileiros. Passados quase dois anos, o que se verifica é a calamidade da seca na própria capital do país, onde nem nos bairros aristocráticos se pode sequer salvar as aparências, pois até em Copacabana a polícia entrou em cena para impedir a manifestação de protesto programada pelos moradores.

Também o Rio de Janeiro recebeu a sua promessa. Foi nomeado o sr. Yedo Fiuza que apoiado em gordas verbas, daria água para o carioca. O sr. Fiuza mostrou-se digno auxiliar de seu mestre Vargas. Consumiu o dinheiro e o abastecimento de água piorou. Bairros existem em que as torneiras estão secas há meses. E isto que a capital é cercada de rios e mananciais...

Este problema do povo que se agrava constantemente em plena capital da República retrata a incapacidade e deshonestidade do govêrno de Getúlio, seu desprêzo pelos interesses mais imediatos e prementes e pelas condições de vida da população. A realidade mostra que êste govêrno inteiramente voltado para o cumprimento das ordens que lhe vêm de Washington nada quer e nada pode fazer fora da esfera dos interesses ianques.

Esta situação mostra igualmente o que vale a promessa em relação aos dois mil municípios brasileiros. Também nêsse caso foi montado um aparelho burocrático com um diretor dispondo de grandes verbas e com grandes despesas de propaganda. O govêrno zomba das necessidades do povo. Se a êlas se refere é para ampliar o campo das negociatas de sua clique estender ainda mais a máquina burocrática, mal-labaratar os dinheiros públicos. Fiuza, no Distrito Federal, Cleanto de Paiva Leite à testa de Camissão para o «abastecimento» de água aos municípios, e em tôrno de um e de outro os «técnicos» e funcionários caros produzindo «estudos» e relatórios a peso de ouro.

Desde êsses problemas de solução mais simples e fácil se comprova dia a dia que o govêrno Vargas é um entrave e um impecilho que precisa ser removido e posto fora para que as coisas andem para a frente em nosso país.

Saudação de Prestes a Vitório Codovilla

Pelo transcurso do 60.º aniversário do dirigente do P. C. Argentino

Por motivo da passagem do 60.º aniversário do fundador e dirigente do Partido Comunista Argentino, Vitório Codovilla, em 8 do corrente, o camarada Luiz Carlos Prestes dirigiu-lhe a seguinte mensagem:

«Ao estimado camarada Vitório Codovilla, líder do combativo Partido Comunista Argentino e infatigável combatente da causa do comunismo, enviamos, em nome do Comitê Central do P.C.B., calorosas felicitações por motivo do 60.º aniversário.

O Partido Comunista Argentino, fundado e dirigido pelo camarada Codovilla, é admirado e respeitado pelos trabalhadores brasileiros por sua luta firme pela paz, a liberdade, a independência nacional e o bem-estar do povo argentino.

Expressamos os mais sentidos votos pelo reforçamento da amizade indestrutível entre os nossos dois Partidos.

Desejamos de todo o coração ao querido camarada Codovilla saúde e longos anos de vida.

Luiz Carlos Prestes

INTERÊSSES ESCUSOS NA CAMPANHA CONTRA O TRIGO SOVIÉTICO

DEPOIS do desembarque em Santos e no Rio de partidas de trigo em grão vindo da U.R.S.S., o conhecido jornal reacionário «O Globo» publicou notas procurando fazer crer que o produto soviético nos sairia muito caro.

A verdade dos fatos, como não podia deixar de ser, é inteiramente outra. Afinal de contas, o trigo adquirido à Finlândia é que, segundo «O Globo» teria saído caro. Caro em relação a que? Custou-nos 88 dólares. Terá sido mais caro que o trigo argentino que pagamos a 124 dólares? Mais caro do que a farinha americana pela qual nos extorquem elevados preços e ainda com a desvantagem de ficarmos sem os subprodutos como o farelo e o farelinho utilizados na alimentação do gado?

O «grande» argumento de «O Globo» reside em que o trigo comprado à Finlândia saiu-nos mais caro que o proveniente da Turquia. Ao dizer isso «O Globo» omite... apenas um pequeno detalhe... O trigo que nos é fornecido pela Turquia também é de procedência soviética. O telegrama de Istambul, publicado a 24 de janeiro no «Correio da Manhã» deixava isso inteiramente claro, ao relatar que a Turquia comprara à União Soviética por 65 dólares o trigo que nos vendera por 75 dólares. Como se vê, mesmo com o acréscimo devido aos intermediários, a verdade incontestável é que o trigo soviético nos sai muito mais barato que os preços extorsivos dos convênios com a Argentina, ou que os próprios preços do mercado mundial.

O que se esconde por trás de «mais esta campanha do «O Globo»? O fato é que esse jornal se esmera, no caso, em defender interêsses que evidentemente não são os do Brasil. Sem dúvida são pontos de vista a que não está alheio o truste Bung & Bom que controla o trigo argentino, e é o grande beneficiário da obrigação assumida pelo govêrno Vargas de adquirir 60 milhões de dólares de farinha norte-americana.

Os interêsses do Brasil são bem diversos. Se expressam, no terreno do comércio exterior, pelo clamor nacional em prol de relações comerciais com a União Soviética, clamor êsse a que se juntou a voz representativa — e não por acaso logo após a chegada das partidas de trigo soviético — do SERDEF, entidade que congrega tôdas as federações sindicais do comércio no Distrito Federal.

DESPERTAR DOS POVOS OPRIMIDOS. Todo o povo, a juventude do Irã, exige o direito de dispor dos seus próprios destinos.

A Mocidade Luta Contra o Colonialismo

A mocidade de todo o mundo comemorará, à 21 de fevereiro, mais uma «Jornada Internacional de Luta contra o Colonialismo e de Solidariedade aos Jovens dos Países Coloniais». A escolha da data prende-se aos grandes movimentos anti-colonialistas realizados em 21 de fevereiro em Bombaim e no Cairo, contra a permanência de tropas imperialista no Egito e na India.

Cada ano que passa mais se estreitam os laços entre os jovens de todo o mundo que unem seus esforços contra os mesmos inimigos, os imperialistas e todos aqueles que desejam levá-los a uma nova guerra. O exemplo de Henri Martin, condenado pela reação e consagrado pelo povo da França por ter-se ergido contra a continuação da guerra imunda do Viet-Nan educa os jovens de sua pátria e constitui um exemplo a ser seguido por todos os jovens de nosso tempo.

Para nós, no Brasil, a «Jornada Internacional de Luta contra o Colonialismo e de Solidariedade aos Jovens dos Países Coloniais» assume uma importância particular nesse momento. Somos um dos povos do mundo em que a exploração das potências colonialistas, especialmente os Estados Unidos reduz a condições de miséria mais absoluta. Os milhões de jovens de nossa pátria, não têm escolas, nem assistência social, nem praças de esportes, nem garantia de trabalho. Para alguns, a exploração mais brutal começa ainda nos primeiros anos da meninice no trabalho do eito ou na fábrica. A maioria desses jovens, segundo as próprias estatísticas oficiais não tem possibilidades de atingir os trinta anos de idade! Mas isso não é só. Esse govêrno e êsse regime, tendo à frente Vargas, entregam o país aos norte-americanos e executam um programa destinado a transformar-nos em uma nação tipicamente colonial. Por outro lado, destinam nossa sacrificada mocidade ao papel ignominioso de tropa colonial para as guerras bárbaras que os imperialistas ianques preparam em todo o mundo. Pois Vargas não disse, ainda há dias, que as fôrças armadas do Brasil estavam prontas a agir em qualquer parte do Continente? Não ameaçou, diretamente, os povos irmãos do hemisfério com a intervenção armada para manter-lhes ou impor-lhes a opressão, destinando a nossos jovens o triste papel de escravizador de povos?

Na «Jornada Internacional de Luta contra o Colonialismo e de Solidariedade aos Jovens dos Paises Coloniais» as camadas jovens de todos os paises aprendem a grande lição do internacionalismo proletario, e unem em uma só fôrça as energias de que dispõem em sua luta por melhores dias.

E' com êsse espírito que a mocidade brasileira se prepara para honrar o chamado da Federação Mundial da Juventude Democrática.

As Primeiras Eleições Gerais De Tôda a História da China

ACABAM de realizar-se na China as primeiras eleições gerais, baseadas no sufrágio universal, de toda a sua história. O maior eleitorado do mundo, pela primeira vez, pôde gozar dêsse direito democrático. Esta eleição não foi sòmente a maior mas também, sem dúvida, a mais complexa de todos os tempos. Devido à imensa extensão do país e sua enorme população, devido às grandes diferenças que existem entre as diversas regiões da China, não era possível a realização simultânea das eleições em toda parte e mesmo com uma pequena diferença de tempo de um lugar para outro. Em muitas partes, as eleições começaram em maio de 1953 quando o povo escolheu os órgãos locais do Poder popular, nas cidades e distritos.

A eleição do Congresso do Povo de Toda a China, orgão supremo do poder estatal, reveste-se de importância verdadeiramente histórica O Congresso adotará a nova Constituição, ratificará o primeiro plano quinquenal e elegerá o novo Govêrno Central Popular.

No clichê, dois camponeses da localidade de Fengcheng, provincia do Liaotung, eleitos deputados do «hsiang», quando recebiam seus diplomas de representantes do povo.

Os «Homens de Palha» de Eisenhower Não Governarão o Povo de Togliati

SOB o comando direto do embaixador de Washington, sra. Clara Boothlace e debaixo da mira dos canhões da esquadra americana do pôrto de Livorno transformando em base ianque, a grande burguesia italiana recusa-se a tomar em conta os resultados das eleições de 7 de junho de 1953.

Tudo foi feito pelos atuais e fracassados dominadores americanizados da Itália para frustrar a expressão da vontade do grande povo italiano nas eleições. Violando a Constituição do país e ignorando os protestos do povo, De Gasperi fêz aprovar uma lei eleitoral destinada a legalizar o esbulho mais escandaloso dos votos dados à oposição. A «legge truffa», como se tornou mundialmente conhecida, visava reduzir a bancada comunista e dos demais partidos de oposição a um mínimo de cadeiras, pelo expediente cínico de atribuir dois terços das cadeiras parlamentares à coligação que obtivesse a metade mais um dos votos. O celerado Mario Scelba, então membro do gabinete clerical-americano de De Gasperi, desencadeou uma onda de terror e violência, liquidando completamente as liberdades democráticas, especialmente na campanha eleitoral. A sra. Clara Luce interveio abertamente na disputa eleitoral em favor de De Gasperi.

Tratava-se de manter no poder as forças mais reacionárias com o fito de prosseguir na política guerreira e antinacional do Pacto do Atlantico, para incluir a Itália no «Exército Europeu» e transformá-la em praça d'armas voltada contra a União Soviética e as democracias populares.

Essa política foi fragorosamente derrotada pelo povo italiano. Nem a violência, nem a ilegal anulação de urnas, nem o conluio com os socialistas de direita, nem as ameaças e chantagens do Vaticano e da embaixada americana puderam salvar a «legge truffa». A coligação da guerra e da submissão aos imperialistas ianques não conseguiu os sonhados 50% mais um voto. De Gasperi pouco durou com seu gabinete de «homens de palha».

O povo exigiu nas urnas uma política nova, de paz, que consulte aos interêsses nacionais da Itália. Depois de várias tentativas, surgiu o gabinete precário de Pella, que em vão tentou se consolidar valendo-se da propaganda chovinista a propósito da questão de Trieste. Agora, em desespero de causa, a reação italiana convoca o velho e desmoralizado policial e espancador Mario Scelba para a chefia do govêrno, o que bem demonstra seu crescente isolamento político. Obtenha ou não o número de votos parlamentares que o confirmem como chefe de gabinete, o destino de Scelba não será diferente do de seus antecessores.

Os gabinetes se sucedem, os ministérios abortivos de efemera duração não refletem a maior ou menor habilidade deste ou daquele político a serviço do Departamento de Estado ianque. O que está na raiz de tudo, a causa irremediável da instabilidade política italiana é a contradição inreconciliável entre a política de guerra, do Pacto do Atlantico e do Exército Europeu, praticada pelos reacionários que vendem a Itália, e a exigência do povo italiano por uma política nova, independente, a serviço da paz e da felicidade das massas de milhões do grande povo de Gramsci e Togliati.

«Os homens de palha» não conseguirão arrastar a Itália para a guerra.

Scelba e Saragat prometem um govêrno estável (DOS JORNAIS)

UM POPULAR: E... Voeês terão «estabilidade»...

O Mundo Capitalista Intensifica o Comércio Com a U.R.S.S.

DE todos os lados amiudam-se as notícias relativas a um revigoramento impetuoso das relações comerciais entre os paises do campo democrático e aqueles em que ainda domina o capital. Ainda agora a missão econômica soviética que chegou a Moscou apresentou propostas de compras no montante de 400 milhões de libras, o que equivale a mais de 1 bilhão de dólares. Por outro lado, Lord Reading, falando em nome do Foreign Office, declarou peremptòriamente que a política britânica se baseia na intensificação do comércio com a China, estando em vias de formação uma delegação de comerciantes ingleses que irá diretamente a Pequim tratar do assunto.

Embora de maneira mais tímida, a França segue os passos da Grã-Bretanha e, no próprio momento em que se inaugurava a Conferência de Berlim, era assinado um novo acôrdo comercial franco-soviético, mais amplo que o anterior, sendo de notar-se, ainda, que, em relação a 1952, o comércio entre ambos os paises foi intensificado, em 1953, em cêrca de 7 bilhões de francos. A Bélgica, que assinou um novo convênio de trocas no valor de 70 milhões de dólares, e outros países como a Argentina também intensificam seu comércio.

Apesar da pressão americana, em sentido contrário, e da complacência com que certos meios dirigentes dos países capitalistas e dependentes acatam as ordens de Wall Street, a realidade é que o comércio da China com os paises do campo capitalista aumentou, em 1953, de cinquenta por cento em relação ao ano anterior.

Com a cisão do mercado mundial único os multi-milionários ianques pretendiam sufocar a economia dos países democráticos para estrangulá-los, em seguida, politicamente. Essa política falhou inteiramente. Os países democráticos aumentaram de várias vezes suas trocas e potêncial econômico, e o feitiço virou contra o feiticeiro sendo o mercado mundial capitalista o que sofre as consequências da política posta em prática pelos Estados Unidos.

Não é de espantar, portanto, que aumentem as contradições entre os diversos socios capitalistas e que, com intensidade crescente, os paises prejudicados por essa política passem a interessar-se pelos mercados democráticos capazes de livrá-los da bancarrota do comércio exterior.

O Brasil é uma das exceções, nesse caso. Enquanto o govêrno entrega dòcilmente o pescoço à canga dos trustes americanos que monopolizam nosso comercio, volta as costas ao imenso mercado de 800 milhões de pessoas que se estende do Elba ao mar da China. A Inglaterra, a França, a Argentina, os próprios Estados Unidos vendem nossos produtos como intermediários à URSS, auferindo lucros que poderiam ser canalizados para o Brasil, enquanto Vargas se compraz em recusar o apelos vindos de todos os setores no sentido do pronto restabelecimento das relações com a URSS e todos os paises do campo democrático, de vantagens inegáveis, como demonstrou o exemplo do trigo adquirido pelo menor preço até hoje, apesar dos intermediários.

Todos vêem as imensas vantagens do comércio com os paises democráticos. Menos Vargas e seu govêrno. Pois, como se sabe, o pior cego é aquele que não quer ver.

RESUMO DA

Declaração de Molótov a 25-1-54

Na Conferência de Berlim

Molotov principia ressaltando que a presente Conferência de Ministros do Exterior concentra a atenção de amplos círculos internacionais e que, se numerosos são os que dela esperam resultados importantes, há também certos meios que a consideram destinada ao fracasso e procuram preparar a opinião pública para isso.

«Pelo que diz respeito ao Govêrno Soviético — diz Molotov — não pode êle compartilhar do ponto de vista daqueles que estão dispostos de antemão a conformar-se com o insucesso da Conferência de Berlim. Penso que entre nós, participantes da Conferência, tal ponto de vista não encontrará simpatias, em absoluto.»

«A Conferência de Berlim foi precedida de um período bastante longo de troca de notas, nas quais três governos — os da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, bem como o govêrno da URSS — expuseram pormenorizadamente suas opiniões sôbre os objetivos da presente Conferência. Tal troca de opiniões demonstrou que, apesar das posições diversas dos governos das outras quatro potências sôbre tal ou qual problema, a necessidade da Conferência dos representantes desses Estados apareceu de modo irrefutável.»

«Efetivamente, milhões de homens e de mulheres aguardam uma reposta à pergunta: esta conferência contribuirá para a consolidação da paz, a redução da tensão internacional e a garantia real da segurança na Europa? A conferência de Berlim desempenhará um appel positivo no desenvolvimento ulterior das relações internacionais, na medida em que corresponda a êste objetivo fundamental.»

Em seguida, Molotov expressa a opinião de que a questão da ordem do dia deve ser examinada quanto ao conteúdo e não de um ponto de vista formal: **«É preciso partir do ponto de vista de que nossa reunião deve abarcar os problemas cujo exame contribua para a consolidação da paz e para nova redução da tensão internacional, questões sôbre as quais já foram obtidos certos resultados no ano anterior. Não se pode, com efeito, menosprezar um fato como o término da guerra e a assinatura do armistício na Coréia, o que foi obtido, principalmente, graças à iniciativa da República Popular Chinesa e da República Democrática da Coréia. Os resultados positivos desse acontecimento repercutiram na Ásia, na Europa e na América.»**

O PROBLEMA ALEMÃO

Passando a examinar o problema alemão de cuja inclusão no temário são partidários todos os participantes da Conferência, o ministro do Exterior da URSS lembra que **«o problema alemão não pode ser examinado de forma isolada e que seu exame está indissoluvelmente ligado à questão geral da garantia da segurança na Europa. Sòmente será firme e justa uma solução do problema alemão que contribua para fortalecer a paz na Europa.»**

Fixando-se em que a responsabilidade principal do desencadeamento da primeira e da segunda guerra mundiais recai sôbre a Alemanha, ressalta os imensos sacrifícios que custaram aos povos da Europa as duas agressões alemãs, principalmente a segunda. Recorda que os maiores sacrifícios foram os da União Soviética que perdeu milhões de seus filhos, o que nunca será esquecido. Declarando que a URSS compreende perfeitamente a importância dos sacrifícios dos outros povos que também sofreram a agressão hitlerista, assim como os sentimentos do próprio povo alemão, por duas vêzes arrastado pelo militarismo germânico às guerras mundiais.

«De tudo isto se depreende que o problema alemão deve ser resolvido de forma a que fique excluida a possibilidade de que o militarismo alemão faça novas tentativas de desencadear a terceira guerra mundial. Isto significa que o exame do problema alemão está inseparàvelmente unido à garantia da segurança da Europa. Como demonstra a experiência histórica isto tem imensa importância para assegurar a paz no mundo inteiro.»

Em seguida, referiu-se Molotov à imensa importância que tem a solução do problema alemão não sòmente para a segurança européia como para os próprios interêsses do povo alemão, citando a Declaração de Potsdam que diz:

«Não é intenção dos Aliados destruirem ou escravizarem o povo alemão. A intenção dos Aliados é de dar ao povo alemão a faculdade de preparar-se para realizar posteriormente a reconstrução de sua vida em uma base democrática e pacífica. Se os próprios esforços do povo alemão forem firmemente dirigidos nesse sentido ser-lhe-á possível, no momento oportuno, ocupar um lugar entre os povos livres e pacíficos do mundo.» O mesmo pensamento fôra expresso por Stálin, desde 1942, destacou Molotov, ao dizer: **«A história mostra que os Hitler vêm e vão, mas que o povo alemão, o Estado alemão, permanecem.»**

Ninguém — diz Molotov — pode negar que os acordos citados permanecem em vigor e que da mesma maneira que o povo soviético, os povos da França, dos Estados Unidos e da Inglaterra devem adotar, quanto ao problema alemão medidas de acôrdo com os tratados internacionais adotados pelos quatro governos, acrescentando:

«As decisões adotadas em Ialta, assim como os acordos de Potsdam e os objetivos fundamentais que aí são definidos sôbre a questão alemã devem constituir a orientação principal à qual devem corresponder as decisões da Conferência de Berlim relativas ao problema alemão. Nesse caso é que servirão aos interêsses da consolidação da paz na Europa. Nesse caso é que as relações entre os povos europeus, inclusive as relações com o povo alemão, desenvolver-se-ão normalmente, pelo caminho que leva ao fortalecimento da colaboração internacional.» E, adiante, depois de assinalar que os anos de após guerra confirmaram inteiramente as decisões acima referidas: **«Daí se depreende que o problema da restauração da unidade da Alemanha e da formação de um Govêrno alemão único está indissoluvelmente ligado à questão de se a Alemanha unida será um Estado democrático e pacífico ou se volverá a ser um Estado militarista e agressivo. Daí se depreende, igualmente que é inadmissível que a Alemanha, em seu conjunto, ou uma parte da Alemanha, seja incluida em um agrupamento do gênero da «comunidade européia de defesa» que representa um bloco militar de um grupo de países europeus dirigido contra outros Estados da Europa. A incompatibilidade da integração da Alemanha Ocidental, por exemplo, na «comunidade européia de defesa» com a realização dos objetivos da segurança na Europa é desde já evidente pois que a criação desse bloco militar de Estado não sòmente tornará impossível o restabelecimento da unidade nacional da Alemanha, mas conduzirá inevitàvelmente a uma grave acentuação do perigo de nova guerra na Europa.»**

Desenvolvendo esses temas, Molotov demonstra o perigo que

representa o «exército europeu», planejado para a desforra e a agressão, não sòmente para a URSS como para a França, Polônia, Grã-Bretanha, Bélgica, Tcheco-Eslováquia, os demais povos pacíficos da Europa e os de fora da Europa. Lembra o instrumento como os Pactos franco-soviético e anglo-soviético destinados a impedir a agressão alemã, assim como as decisões de Potsdam e indaga:

«Será que tudo isso não pode servir de base para aplicar em conjunto medidas concretas que sejam acordes com os interêsses de uma paz duradora e da segurança dos povos da Europa?»

Finalizando a parte de seu discurso que trata especificamente do problema alemão, diz Molotov que as quatro potências se comprometaram a concluir um tratado de paz como o govêrno alemão que pudesse ser considerado como «um govêrno alemão autorizado» e que tal govêrno só pode ser um govêrno de paz e não de ameaça de guerra. Assim, para esses nobres objetivos é que devem trabalhar os Estados representados na Conferência, entendendo-se para resolver sem mais delongas as questões fundamentais que a isso se prendem e se relacionam com a Alemanha:

«O tratado de paz com a Alemanha e o restabelecimento da unidade do Estado alemão de acôrdo com os princípios democráticos e pacíficos.»

Em seguida, disse: **«Tudo o que foi relatado comprova a estreita ligação da questão alemã e do problema da segurança européia. Por seu lado, o problema da segurança na Europa está estreitamente ligado à tarefa crucial de nossos dias: o desafogo internacional.**

POR UMA CONFERÊNCIA DAS CINCO POTÊNCIAS

Então, recordando que embora não se tivesse chegado a acôrdo sôbre a convocação de uma Conferência das Cinco Potências, houve o ponto de vista comum de que o assunto deveria ser discutido na Conferência de Berlim, expõe:

«O Govêrno soviético considera que essa questão requer a maior atenção da parte da Conferência de Berlim. Declaramo-nos prontos a fazer uma proposta concreta e adequada relativa à reunião de uma conferência das cinco potências que poderia reunir-se algum tempo depois da Conferência de Berlim.

De há muito se impõe a realização da conferência dos ministros das relações exteriores das cinco potências, com a participação da República Popular Chinesa. Nas atuais condições sòmente os esforços conjuntos de tôdas as grandes potências, unidos aos dos outros Estados, poderão assegurar o desafogo da situação internacional e levar aos acordos apropriados sôbre os problemas internacionais urgentes.»

Em seguida Molotov ressaltou que ao Conselho de Segurança da ONU cabe a principal responsabilidade na manutenção da paz e da segurança internacionais e que, nos termos da Carta da ONU tôdas as decisões importantes do Conselho de Segurança tendo em vista a manutenção da paz internacional devem ser adotadas por unanimidade entre as cinco grandes potências. Entretanto, no momento, essas disposições essenciais da carta da ONU não podem ser aplicadas porque o Govêrno popular chinês que é o único representante legítimo do povo chinês não está representado na Organização das Nações Unidas.

«Todo o progresso a esse respeito — diz Molotov — **seria de um grande alcance para a solução de importantes problemas políticos e econômicos internacionais, inclusive para a questão coreana.»**

Refere-se Molotov à não reunião da Conferência Política sôbre a questão coreana sôbre a qual não houve acôrdo sequer quanto aos participantes e especifica a existência de outras graves contradições entre as partes, que se manifestaram pela grosseira violação dos acordos de armistício concernentes aos prisioneiros de guerra.

«Tudo isto — reafirma Molotov — é devidido em grande parte à ausência de relações normais entre certas grandes potências. É fora de dúvida que a convocação de uma conferência das cinco potências contribuiria para eliminar tôda uma série de dificuldades que existem atualmente a propósito da questão coreana, assim como para a solução de certos outros problemas internacionais da atualidade.»

«Ainda há países que se recusam a «reconhecer» a República Popular Chinesa. Mas o «não-reconhecimento» dos fatos e, com maiores razões, o «não-reconhecimento» dos maiores acontecimentos históricos nunca deu resultados positivos.»

Relembra Molotov que 23 Estados, grandes e pequenos, totalizando uma população de mais de 1 bilhão de pessoas estabeleceram ou estão negociando o estabelecimento de relações normais com a Republica Popular Chinesa e não há dúvida de que o número desses Estados aumentaria para 50 e mais se obstáculos artificiais não estivessem sendo colocados no caminho natural. Nenhum país asiático independente deixou de reconhecer a China Popular. Molotov cita Nehru que proclamou: «A Organização das Nações Unidas enfraquece-se recusando-se a admitir a China comunista. O surgimento da nova China é um imenso fator da situação internacional. Não reconhecer a China é fechar os olhos à realidade.»

Molotov assinala que mesmo Estados da Europa, participantes do «bloco atlântico» reconheceram a necessidade de estabelecer relações diplomáticas com a nova China, e que sòmente no território da América do Norte e do Sul, por razões evidentes, é que não surgiu até agora um só Estado disposto a reconhecer a República Popular Chinesa. Essa parte do discurso de Molotov terminou com as palavras seguintes:

«O Govêrno soviético parte do fato de que esta situação não pode perdurar muito. A convocação de uma conferência das cinco potências com a participação da República Popular Chinesa muito contribuiria para desanuviar e sanear tôda a situação internacional».

AMPLIAÇÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS

«Enfim, — continuou Molotov — se aspiramos realmente ao desanuviamento da situação internacional, isso deve expressar-se também nas relações internacionais concernentes à ampliação das relações comerciais entre os Estados.

«Uma política visando a proibir o comércio com a URSS e os países de democracia popular foi aplicada até agora por certas potências e principalmente pelos Estados Unidos. Com essa finalidade, há três anos, o govêrno dos Estados Unidos denunciou o acôrdo internacional que vigorava há muitos anos entre os Estados Unidos e a URSS. Sabe-se igualmente que existe nos Estados Unidos a lei Buttle proibindo pràticamente aos Estados Unidos e aos países do bloco americano de comerciarem com o URSS e os países de democracia popular. **Essas medidas, bem como uma série de outras adotadas pelos Estados Unidos visam não sòmente a criar tôda a sorte de dificuldades no comércio internacional, como também a envenenar as relações internacionais.»**

Continuando, Molotov mostra que essas medidas não impediram o progresso da URSS, da China e dos países de democracia popular, mas contribuiram para criar e reforçar um segundo mercado internacional, arrematando:

«Julgai vós mesmos se pode dar prosseguimento a esta política de proibições e discriminações em matérias de comércio internacional, sobretudo nas condições atuais nas quais ninguém pode negar a existência de dificuldades na economia de diversos países».

«Uma conferência de representantes das cinco potências desempenharia também um papel positivo na criação de condições normais para o desenvolvimento do comércio internacional, assunto em que muitos Estados não podem deixar de estar interessados».

A QUESTÃO AUSTRÍACA

Depois de manifestar sua Confiança em que é possível um acôrdo para a convocação de uma conferência das cinco potências, o ministro do Exterior da URSS considera oportuno **«examinar também na presente conferência a questão autriaca»**, pois as necessidades da Europa e do povo austriaco exigem o mais rápido restabelecimento de uma Austria independente e livre e a solução desse assunto.

Para o Govêrno Soviético o assunto deve ser solucionado como base no acôrdo existente entre as quatro potências, e tendo em vista uma solução que contribua para garantir a **«segurança dos povos da Europa e da independência da Austria e que a Austria não se converta em um instrumento nas mãos das fôrças agressivas e, concretamente, em um instrumento do militarismo alemão.»**

A ORDEM DO DIA

Na base de suas considerações em que demonstrou a justeza dos pontos de vista soviético Molotov apresentou a seguinte proposta de ordem do dia:

«1 — Medidas para atenuar a tensão internacional e convocar uma conferência dos Ministros das Relações Exteriores da França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, União Soviética e República Popular Chinesa.

2 — Questão alemã e tarefas concernentes à garantia da segurança européia:

3 — Tratado de Estado austríaco.»

As palavras de encerramento de Molotov foram para manifestar o desejo da União Soviética em alcançar, na Conferência de Berlim, junto com as outras potências, resultados que sejam adequados aos interêsses da segurança dos povos da Europa e contribuam para consolidar a paz em todo o mundo.

NOTA: Os subtítulos são da redação da "Voz Operária"

VOLTA REDONDA
SOB O JUGO DO IMPERIALISMO IANQUE

Empréstimos ruinosos em dólar — Até para aumento de seu capital, Volta Redonda depende da anuência do Export and Import Bank — Visitas de espionagem e de contrôle — Perspectivas de "dumping" por parte dos trustes ianques do aço — As exportações de manganês pela Unted Steel são um golpe na siderurgia nacional

Volta Redonda, conquista do povo

PARA fazer média eleitoral como «patriota», Getúlio intitula-se agora o «criador de Volta Redonda.»

Alguns descuidados, é claro, ainda acreditam. Mas a verdade é outra: Volta Redonda é uma conquista do povo, resultou das lutas de massa pela independência econômica nacional, lutas que esmagaram as tramas do imperialismo norte-americano e de seus aliados do Estado Novo, obrigando-os à capitulação no caso de Volta Redonda.

Getúlio desde a Revolução Liberal de 1930 fazia demagogia com a promessa de implantar no país a indústria pesada, em particular a grande siderurgia. Assim como promete hoje a reforma agrária e a baixa do custo da vida...

A partir dos movimentos da Aliança Nacional Libertadora, com as massas cada vez mais reivindicando medidas práticas de solução dos grandes problemas nacionais, Getúlio viu-se pressionado. Começou a manobrar, aparentando ceder. E tentou um golpe: trouxe ao Brasil uma missão da United States Steel, um dos maiores trustes mundiais do aço, para estudar o problema da implantação da siderurgia pesada entre nós.

FERRO DE VOLTA REDONDA. Um aspecto da corrida do metal.

O resultado, é evidente, foi negativo. Depois que seus técnicos espionaram livremente as condições oferecidas pelo Brasil para montar sua siderúrgica a coque — condições que os estudos revelaram altamente satisfatórias — a United States Steel não sòmente se recusou a qualquer cooperação mas também começou uma campanha dispendiosa para matar na sua raiz a reivindicação do nosso povo. Sabe-se que o próprio govêrno norte-americano, falando a linguagem dos interesses da United States Steel, que Getúlio despertara, tomou posição contra a criação de Volta Redonda, recusando o embarque das máquinas e equipamentos para a usina sob o pretexto da guerra. Getúlio atingira o seu objetivo, tinha a sua desculpa perante a nação.

Mas a essa altura os movimentos de luta do povo já atingiam a um ponto alto. Sua reivindicação, quanto a Volta Redonda, tornara-se impossível de conter. Getúlio precisou ceder, ante a pressão popular vigorosa, da mesma forma que abriria as portas das prisões a Prestes e aos outros líderes comunistas.

Volta Redonda, assim, é um patrimônio do povo, uma conquista sua, e como tal deve ser cuidadosamente preservada e desenvolvida.

Laços de dependência da usina ao Imperialismo ianque

Não podendo impedir a criação de Volta Redonda, o imperialismo ianque tratou de conseguir posições de contrôle, direto ou indireto, sôbre a usina. Assim é que Volta Redonda, que começaria funcionando à base do coque obtido de carvão nacional, de Santa Catarina, hoje é absolutamente dependente do carvão estrangeiro, notadamente norte-americano. Em 1947, quando acendeu seu alto-forno, Volta Redonda consumiu nas suas baterias de coque 68% de carvão nacional. Presentemente o carvão estrangeiro, vendido por firmas dos Estados Unidos, figura em Volta Redonda na elevada proporção de 72%, passando o carvão catarinense a um plano absolutamente secundário, como mostra o quadro abaixo.

	1947		1952	
	(tons.)	(%)	(tons.)	(%)
Carvão estrangeiro	94.000	32%	295.000	72%
Carvão nacional ..	203.000	68%	114.000	28%

Isto significa que Volta Redonda e sua produção siderúrgica estão inteiramente nas mãos dos trustes ianques do carvão, que lhe vendem o combustível para manter em operação o seu alto-forno.

Empréstimos colonizadores e "visitas" de inspecão

Mas não fica apenas nêsse aspécto a dependência de Volta Redonda em relação ao imperialismo ianque. Desde a instalação da usina, o govêrno brasileiro negocia com banqueiros dos Estados Unidos, sobretudo com o Export and Import Bank, de Washington, contratos de empréstimos em dolar para compra de material siderúrgico não produzido no Brasil. Como não podia deixar de ser, êsses empréstimos amarram Volta Redonda ao capital financeiro de Wal Street.

Ainda agora, para as obras de expansão da usina, dois empréstimos acabam de ser negociados, com o EXIMBANK: um de 30 milhões de dólares, o outro, mais recentemente autorizado, de 35 milhões. Os homens que os negociam deixam em segredo as cláusulas dêsses empréstimos. Mas se sabe que além dos altíssimos juros e cotas de amortização que Volta Redonda terá de pagar, anualmente, aos banqueiros ianques, figuram outras obrigações que representam uma perda de independência por parte da usina. Isso porque a «cooperação» do imperialismo ianque, para com o Brasil e países de economia atrasada em geral, na realidade, sempre se faz visando obter um regime de controle, de dominação e de espoliação, em favor do capital financeiro dos Estados Unidos.

Presa a sucessivos empréstimos em dólar, Volta Redonda vive hoje à mercê das «visitas» (espionagem) e das exigências dos banqueiros norte-americanos. Vale à pena destacar algumas «visitas» recebidas pela usina de Volta Redonda, em 1952: Diretores do Export and Import Bank (mês de abril), Coronel E. A. Black e mais oficiais da Missão Militar Norte-americana (junho), Embaixador Merwin Bohan, presidente da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (agosto), Adidos da imprensa da embaixada dos EE. UU. (novembro) e Almirante William Fehteler, comandante das Operações Navais dos EE. UU. (dezembro).

E se essas «visitas» não bastassem, Volta Redonda ainda tem por obrigação contratual apresentar ao Export and Import Bank frequentemente relatórios circunstanciados sôbre a situação econômica e financeira da emprêsa. Há um reinado de espionagem e contrôle sobre a usina.

Hoje Volta Redonda está de tal maneira dependente do imperialismo ianque que até para realizar certos aumentos de seu capital precisa obter a anuência prévia do Export and Import Bank, como confessa o relatório da C. S. N., de 1950, à pág. 53.

Os trustes ianques do aço ameaçam Volta Redonda

Com os fenômenos de crise econômica, com o estreitamento do consumo, inclusive industrial, nos Estados Unidos, os trustes ianques do aço, sobretudo a United States Steel e a Bethlehem Steel, recomeçam sua ameaça à Volta Redonda e às demais usinas siderúrgicas nacionais. Existe, sabem os homens da indústria do aço, uma ameaça no ar, sendo possível que os trustes ianques lancem sôbre o Brasil um «dumping» de produtos siderúrgicos.

Até aqui Volta Redonda pôde vender sua produção, no mercado nacional, a preços quase sempre inferiores aos produtos similares importados dos Estados Unidos. Agora, contudo, a usina siderúrgica está na expectativa de reduzir sua produção mais comerciável, que lhe assegura mais receita, como é o caso das chapas e folhas de Flandres, produtos que as usinas da United States Steel ou da Betlehem Steel começam a dispor com grandes estoques e ameaçam lançar a preços baixos, sem possibilidade de competição, nos mercados do Brasil. Volta Redonda, dêsse modo, seria forçada a voltar sua linha de produção essencialmente para trilhos e acessórios, produtos de baixa margem de lucro e que o imperialismo ianque por isso mesmo não se interessa por fabricar.

Assalto ao manganês empregado por Volta Redonda

Tanto Volta Redonda como as siderúrgicas de Minas Gerais, São Paulo ou Estado do Rio, empregam como uma de suas matérias-primas o minério de manganês de jazidas localizadas no centro de Minas, em áreas da E. F. Central do Brasil.

Essas jazidas, porém, estão em vésperas de total esgotamento, porque a United States Steel, através de sua subsidiária «nacional», a Cia. Meridional de Mineração, vem livremente exportando para os Estados Unidos, ano a ano, grandes partidas do minério de alto teor existente na região. Muitas vozes patrióticas já se fizeram ouvir contra êsse assalto ao manganês de Lafaiete e áreas circunvizinhas. O govêrno e o Congresso receberam denúncias, memoriais, pareceres, mas a situação continua a mesma, a United States Steel continua fazendo o seu jôgo aberaberto contra a indústria nacional do aço.

A continuar êste assalto, dentro de poucos anos as siderúrgicas nacionais, inclusive Volta Redonda, a Belgo-Mineira e a Mineração Geral do Brasil, encontrar-se-ão em sérios apertos, obrigadas a abastecer-se de manganês em Urucum, (Mato Grosso) ou Amapá, pagando por essa matéria-prima preços enormemente aumentados devido a maiores fretes e além disso supridas irregularmente ante a deficiência dos transportes.

O esgotamento das jazidas de manganês do centro de Minas Gerais, por parte da United States Steel e com a cumplicidade do govêrno Vargas, sendo um aspecto da política do imperialismo americano visando a limitar o desenvolvimento da indústria no Brasil, representa realmente muito mais, que isgovêrno, de criminosamente entre r as riquezas nacionais ao saque voraz s monopolistas ianques, sedentos de lucros xímos.

A situação atual de Volta Re da, dominada que está pelos trustes nor americanos do aço e do carvão, prêsa a mprésti-mos do Eximbank, submetida a co rôle e à fiscalização por parte dos «visitan norte-americanos, inclusive oficiais gene is, confirma inteiramente as constatações do Programa do P.C.B.. «Sob o contrôle tal norte-americano já se encont grande parte da indústria nacional», diz no documento do Comitê Central, que re ultou do acurado estudo de tôda a vida bra eira. E realmente, todos os fatos conheci s a respeito de Volta Redonda, inclusive que estão se processando hoje mesmo, ao olhos de todos, revelam de forma crua a p tração norte-americana em todos os por da economia brasileira, sua ingerência em odos os setores da vida nacional. Agora mesmo, o govêrno de Vargas vem favorecendo a pressão dos monopólios americanos no sentido de expulsar Volta Redonda do mercado de chapas e folhas de Flandes. Pressã idêntica se realiza aliás sôbre outras empr s metalúrgicas brasileiras, como a Minera o Geral de Metais, para forçá-las a se inc orarem nas linhas menos rendosas da fab ação de trilhos e ainda aí em posição des ajosa.

Nitidamente, portanto, a domi ação imperialista norte-americana se apres a como o fator que impede o desenvolvime da indústria brasileira, particularmente setor da metalurgia pesada, em plena conso cia com as conhecidas teses ianques de que ve nosso país dedicar-se predominantem à produção agrícola e de matérias primas ara servir à industria dos Estados Unid O esquema Aranha é a mais recente pressão da subserviência do govêrno Varg a tais imposições de Washington, e é s do que contra êle se levantam os industri nacionais, inclusive os mais poderosos, e compreendem perfeitamente que a co nuação de sua aplicação por mais alguns ses significará para êles a completa falên .

Êsse caminho de desenvolvimen que é imposto pelo govêrno de Vargas, pressão atual do regime de latifundiários e grandes capitalistas, precisa urgentemente ser substituído por um outro caminho.

Mas não se pode ingressar nê outro caminho, o caminho do progresso Brasil livre da dominação norte-americana sem a liquidação do regime de latifundiário e grandes capitalistas ligados ao imperialis o americano. Sòmente assim se poderá concretizar as exigências da realidade bra eira para o desenvolvimento independente economia nacional, que o Programa do C. B. formula, com justeza científica, da guinte maneira:

— Garantia de liberdade de iniciativa para os industriais e liberdade para comércio interno. O govêrno democrático de libertação nacional não confiscará as emprêsas e os capitais da burguesia nacional. Entretanto, serão confiscados e nacionalizados os capitais e emprêsas dos grandes capitalistas que trairem os interêsses nacionais e se aliarem aos imperialistas americanos.

A COQUERIA DA USINA. Suas células queimam mais de 70 por cento de carvão comprado aos trustes ianques. Contudo, temos bom carvão em Santa Catarina... atual do regime de latifundiários e grandes

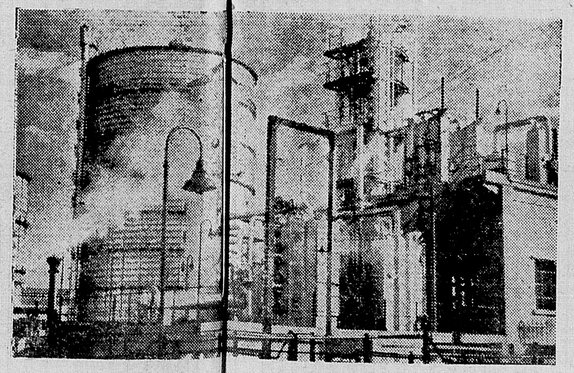
— Defesa da indústria nacional. Impedir que os produtos estrangeiros importados, especialmente dos Estados Unidos, possam prejudicar as indústrias já existentes no Brasil ou dificultar a criação de novas. Assegurar o livre desenvolvimento da indústria de paz.

—Desenvolvimento independente da economia nacional e preparo das condições para a industrialização intensiva do país com a utilização dos capitais e das emprêsas confiscadas aos imperialistas americanos. Para o mesmo fim atrair a colaboração de capitais privados, aos quais serão garantidos lucros e a defesa de seus interêsses, segundo lei especial.

— Regulamentação do comércio externo para a defesa da produção nacional. Abolição de tôdas as restrições injustas que dificultam a importação de máquinas e de matérias primas estrangeiras necessárias ao desenvolvimento da economia nacional.

— Ajuda pelo Estado aos artesãos e a todos os produtores pequenos e médios por meio de concessão de créditos, facilidades para a aquisição de matérias primas ou fornecimento de máquinas e instrumentos de trabalho.

— Atrair a colaboração de governos e capitalistas estrangeiros, cujos capitais possam ser úteis ao desenvolvimento independente da economia nacional, sirvam aos interêsses nacionais e à industrialização do Brasil e submetam-se às leis brasileiras.



Nesta usina de benzol, são tratados os óleos leves dos quais se obtêm o benzol, toluol, xilol, combustível para motores, etc.

O verdadeiro objetivo da reunião dos embaixadores

Getúlio Amestra "Diplomatas" Para Servir Aos Americanos

VARGAS PREPARA-SE PARA REPRESENTAR CADA VEZ MAIS O PAPEL DE INSTRUMENTO DE PRESSÃO DOS AMERICANOS SÔBRE OS PAÍSES DA AMERICA LATINA

NO PRÓXIMO mês de março, o govêrno dos Estados Unidos reunirá em Caracas, na X Conferência Interamericana, as delegações do docil rebanho dos governos que vendem e oprimem os povos da América Latina. A conferência é convocada por intermédio da Organização dos Estados Americanos (O.E.A.), constituída em Bogotá sob o «princípio» da «alienação da soberania nacional» dos povos latino-americanos em favor dos imperialistas ianques, «tese» exposta e defendida pelo tristemente celebre João Neves da Fontoura em nome do govêrno satélite do Brasil.

A X Conferência se reune nas condições da luta crescente dos povos da América Latina contra o jugo do odiado opressor americano, nas condições do avanço das lutas patrióticas e populares contra o domínio dos imperialistas de Washington. Nesta situação, o Departamento de Estado utiliza cada vez mais o servical govêrno de Vargas para o papel infamante de instrumento de pressão sôbre os governos dos demais países latino-americanos, exigindo a repressão sangrenta dos movimentos patrióticos e nacional-libertadores, a fascistização crescente e a submissão. Nas anteriores conferências interamericanas, em Washington, Bogotá ou Rio de Janeiro, a delegação brasileira sempre se prestou ao papel de «amacia» resistências e «convencer» os demais. Agora essa função de porta-voz americano será aumentada — cada membro da delegação e cada embaixador teve que ensaiar previamente e decorar o seu recitativo para o desfile de traidores programado para Caracas.

Daí a reunião dos embaixadores juntamente com o delegado permanente de Vargas junto à OEA. Os trabalhos foram realizados secretamente. Deles o povo brasileiro não teve conhecimento. Sòmente a embaixada americana foi constantemente mantida a par do que se discutiu. Entretanto, o «dip» do Itamarati, através dos seus escribas, encobertos uns, ostensivos outros, deixou transparecer algumas das teses e diretivas que a delegação de Getúlio leva para Caracas.

Pressão sôbre os países pequenos

A propaganda oficial procura convencer o povo de que a reunião dos embaixadores representa um esforço para traçar uma «nova» orientação diplomática para o Itamarati. Entretanto, quem deu as cartas, alem do Estado Maior das Forças Armadas que participou dos trabalhos, foi o embaixador em Washington, João Carlos Muniz, treinado anteriormente na máquina de votar dos Estados Unidos na ONU.

A tese «nova» atualmente dominante no Itamarati, segundo seus porta-vozes, é a de que «os postos aparentemente menores são mais importantes». Citam-se como exemplo o Paraguai, a Bolivia e a Guatemala. Especialmente em relação a Bolivia e à Guatemala os imperialistas ianques estão preocupados em esmagar o movimento anti-imperialista e pela reforma agrária. Na Bolivia, frustrando as esperanças do valoroso povo irmão com a conivência do próprio govêrno de Paz Estensoro, na Guatemala por meio da intervenção armada cuja preparação já está sendo feita por uma histérica e provocativa propaganda.

O govêrno de Getúlio é o principal instrumento do Departamento de Estado para a relização dessa política de ameaças contra os povos latino-americanos. Em seu discurso aos generais, almirantes e brigadeiros, Getúlio declarou:

«A paz e a ordem no território de cada uma das Repúblicas irmãs são a condição geral de segurança para o Continente. Nenhuma nação se sentirá segura na América, enquanto confinar com povos em permanente ebulição social».

Getúlio, manejado pelo Departamento de Estado, anuncia a sua disposição de intervir contra as lutas populares nos países latino-americanos em nome de uma pretense «segurança», para esmagar a «ebulição social» contra a Unitos Fruit, na Guatemala, por exemplo. Em sua entrevista coletiva, o ministro de Getúlio, Vicente Rao, esquivou-se de uma declaração franca sôbre a Guatemala, como se algum governante estrangeiro tivesse o direito de «estudar» o «caso da Guatemala», isto é, se o povo guatemalteco tem ou não o direito de se libertar dos sanguessugas imperialistas.

A economia do quintal americano

Durante a realização da secreta reunião dos embaixadores, o Itamarati fez circular nos jornais reacionarios como coisa nova, velhas e surradas ordens dos monopolistas ianques. Todo o esforço foi feito para convencer os brasileiros das excelências do que eles chamam de «política econômica interamericana», de «sociedade econômica interamericana», de «unidade economica interamericana».

Em sua entrevista coletiva, o veterano carrasco Vicente Rao confirmou que é isto mesmo. A OEA, disse o executor da política externa de Getulio, não deve se limitar a assuntos políticos e jurídicos, mas tambem «estudar e organizar a estrutura e a complementação econômicas das Republicas americanas, a fim de contribuir para a elevação do nivel de vida das respectivas populações» senão ainda para revigorar as forças defensivas do Continente, conferindo-lhes eficácia e coordenação».

MILTON EISENHOWER explica a Vicente Rao o "que não dos americanos pensarem nas outras nações. Depois disso, Rão é perguntado se o Brasil iria adotar uma política independente retrucou: "São rumores sem menor fundamento".
(Revista Visão, nº 12 de 11 de dezembro de 1953)

Eis, então, em que consiste a « sociedade econômica interamericana». É uma «sociedade» em que os americanos mandam e os latino-americanos cumprem as ordens: exigimos ferro para United States Steel e o Brasil envia o ferro, precisamos do cobre chileno e o Chile entrega o cobre, petroleo para Standard Oil e o Brasil dá o petroleo de mão beijada. Assim as «economias se «complementam» — a extração de minério de ferro, do cobre e do petroleo, por exemplo, se «complementam» com os planos dos trustes americanos. Outro aspecto importante da «complementação» é a «divisão do trabalho» entre as Repúblicas americanas — os ianques ficam com o monopólio da produção industrial, cujos produtos nos vendem a preços escorchantes e nós ficamos reduzidos à posição de produtores de matérias primas para serem entregues aos americanos a preço vil.

Trata-se, portanto, de eternizar a dominação imperialista e o latifundio na América Latina. E para que? Para elevar o nivel de vida das populações? Pode-se falar nisso. Mas o objetivo real é «revigorar as forças defensivas», é a militarização da economia, a preparação de guerra. Trata-se, portanto, de uma política de agressão a serviço dos imperialistas ianques.

Foi isto que se estudou e preparou durante vários dias na reunião dos embaixadores. Não é por acaso que o chefe do estado maior das Forças Armadas participou dos trabalhos.

Submissão crescente aos americanos

A partir da reunião dos embaixadores, ponto alto dos preparativos de Getúlio para representar o papel que lhe foi atribuido, foi intensificada a divulgação da tese do relatorio de Milton Eisenhower: alem de tratar de seus interesses particulares, os Estados Unidos têm de pensar nos interesses dos outros países. Em seguida, os jornais alimentados pelo Banco do Brasil, como «Ultima Hora», acrescentam que «fontes categorizadas» são de parecer que os países latino-americanos têm o direito de esperar essa atenção dos Estados Unidos». «Fontes categorizadas» quer dizer, o governo de tração nacional de Getulio, cujos embaixadores foram amestrados para a missão de convencer os governos de que lhes cabe o «direito» de serem tutelados e contralados pelos americanos. Para isso reuniram-se os embaixadores de Getulio na América Latina.

A respeito desse assunto, Vicente Rao foi interpelado na entrevista coletiva — e o café? e a borracha? que pensam por Getulio os americanos? qual será a sua posição em Caracas? Ah! Isto não figura na ordem do dia, que só contem teses «gerais», o que se pode entender perfeitamente por submissão «em geral» aos americanos. Vicente Rao declarou que lamentava «não poder indicar uma diretriz taxativa no que se refere ao intercâmbio entre os Estados Unidos e a América Latina».

Eis o resultado da tão trombeteada reunião dos embaixadores: não há uma «diretriz taxativa», só resta o apoio incondicional às exigências dos americanos.

A montanha pariu um rato. Para isto reuniram-se 19 embaixadores e um ministro plenipotenciário.

O que restou é mesmo o objetivo de fazer funcionar o Pacto de Bogotá, onde se completou o arcabouço militar agressivo traçado pelo Pacto do Rio de Janeiro, que permite aos imperialistas americanos intervir em qualquer país do continente inclusive pela força armada, para combater a «agressão indireta», a «agressão interna», isto é, os movimentos populares de libertação nacional.

Para isso trabalhará a delegação de Getúlio. Os fatos confirmam com todo vigor as palavras de fogo com que o Projeto de Programa do PCB marca a política externa do vende pátria Getulio Vargas:

«A política externa do govêrno de Vargas é ostensivamente ditada pelo Departamento de Estado norte-americano, sendo a delegação brasileira na ONU mundialmente conhecida pela sua atuação subserviente ao govêrno dos Estados Unidos».

Getulio manda seus diplomatas a Caracas na qualidade de gendarme auxiliar do gendarme imperialista americano.

(Revista Visão, nº 12 de 11 de dezembro de 1953)

VOZ DOS LEITORES

No Frigorífico de Santo Ângelo:

PAGAM AOS OPERÁRIOS O PREÇO DE UM QUILO DE BANHA

NO FRIGORIFICO de Santo Angelo, Rio Grande do Sul, trabalham 250 operários que vivem em condições miseráveis, habitando casinholas de tábua, sem eletricidade, sem água, sem condições de higiene. O salário dos adultos é de 24 cruzeiros diários (equivale ao preço de um quilo de banha). Os menores, em muitos casos, trabalhando em locais insalubres e executando tarefas de adultos, percebem o salário de 12 a 14 cruzeiros pelas oito horas de trabalho. Os operários das câmaras frigoríficas, trabalhando a temperaturas muito inferiores a 0, ganham apenas 3,20 por hora.

Para manter êsse regime de exploração os patrões sustentam dentro do frigorífico um bando de alcagoetes — renegados da classe operária que se prestam a espiões dos próprios companheiros — entre os quais se destacam Gerônimo Borges que há poucos dias agrediu a revolver um operário de nome Lucidio. Exercem ainda êsse miserável papel os indivíduos Ervino Vincler, Atílio Polaco, Anibal Nunes e o polaco Francisco, da usina.

Há na emprêsa uma arapuca que é a Cantina do Antônio, verdadeira mina de ouro que cobra os seguintes preços pelos gêneros: banha, 24 cruzeiros; arroz, 11; feijão, 5; açúcar, 6,50; salame, 22; querozene, 4; farinha de trigo, 9; os operários que compram na «cantina» recebem no fim do mês o envelope vasio, pois o salário fica na cantina, descontado em folha. Todo mundo sabe que Antonio não tinha onde cair morto. Agora possui uma casa avaliada em 800 contos, um caminhão e um automóvel. De onde saiu essa fortuna? É claro que saiu do couro dos trabalhadores.

O frigorífico é dirigido pelo sr. Fett, alto prócer do PSD e Aveline Rochemback. A banha do frigorífico é misturada com sebo de carneiro. Segundo denunciam os operários, porcos doentes e condenados pelo fiscal são enviados para a gracheira, para fazer sabão mas, quando o fiscal se retira, os suinos se somem. São transformados em banha, mordadela, salsicha e outros alimentos.

Eis como são oprimidos os trabalhadores sob o regime de Vargas, govêrno desumano e anti-operário que arruina o país e aniquila nosso povo.

★

HOMENAGEM A PRESTES PELO SEU 56.º ANIVERSÁRIO

O NOSSO leitor Antenor Lallo de Rio Claro, em carta de saudação a Prestes, pelo seu 56º aniversário, em seu nome e de seus companheiros daquela cidade, escreve: «Cada ano que passa aumentam consideràvelmente as obrigações de que somos devedores a Luiz Carlos Prestes e, com elas, a nossa consideração e amizade. Possa seu aniversário repetir-se ainda por longos anos para alegria e satisfação daqueles que tanto devem ao Cavaleiro da Esperança. Permita ainda a Providência que nunca a falta de saúde venha perturbar a alegria dos seus. Só uma coisa nos aflige: é não poder testemunhar de viva voz a nossa consideração e dar pessoalmente um abraço no grande líder do povo brasileiro. Mas já que isto não é possível, peço-lhe que acredite nos sinceros protestos de nossa amizade. Que Deus lhe dê sempre coragem para o aperfeiçoamento e levantamento moral do povo brasileiro fazendo com que cada um de nós possamos modificar o destino dêste Brasil tão cheio de sicários».

GRANDE ALVORADA DE FOGUETES

PELOTAS, — janeiro — (Do correspondente) — O 3 de Janeiro dêste ano foi anunciado ao povo com a maior alvorada de foguetes de que há memória na cidade. Às 4.30 da madrugada dezenas e dezenas de foguetes começaram a espoucar no Areal, na Varzea e no centro da cidade. Pela primeira vez os moradores do Capão do Leão também saudaram o aniversário de Prestes. Pichamentos diversos foram feitos pela cidade. Uma grande bandeira vermelha de 1.70 x 1,70 foi colocada defronte ao Pão dos Pobres e bandeirolas vermelhas tremularam nos pontos principais da cidade. Num churrasco realizado na Vila Carucci populares saudaram o aniversário de Prestes tendo falado entre os oradores um representante da imprensa popular. O povo pelotense deu novas provas de aprêço ao seu dirigente máximo, fortalecendo ainda mais a existência de que cessem as perseguições contra Prestes e seu Partido e que ambos possam novamente voltar às praças públicas.

EM DEFESA DE PRESTES

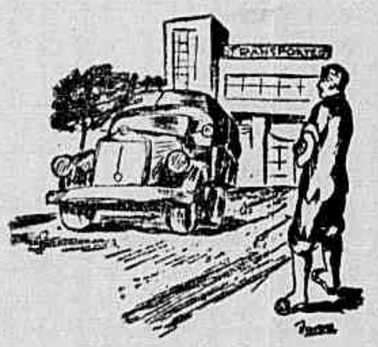
Nosso leitor B.E. Marcondes, de São Paulo, envia-nos um artigo intitulado «Prestes, o comandante da Revolução do Brasil», em que diz inicialmente:

O Quinquagésimo sexto aniversário de Prestes, transcorrido dia 3, de Janeiro, é um acontecimento de incalculável significação para o nosso povo: as festas em sua homenagem que se realizam apesar do terror e da violência desencadeada pela polícia, a crescente confiança das massas trabalhadoras e do povo brasileiro no seu líder, demonstram que o seu prestígio aumenta cada dia. Essa confiança demonstra que o nosso povo progride politicamente e que as forças democráticas continuam a crescer na luta contra o imperialismo americano e seus lacaios nacionais como Getúlio e Garcez».

Finalizando, escreve: «Neste 3 de janeiro em que Prestes vê passar o seu aniversário, afastado do convívio de seu povo, por se achar perseguido e ameaçado pela polícia de Getúlio, a mando de seus patrões os imperialistas ianques, uma obrigação se impõe a todos os patriotas no Brasil — é a de festejar o aniversário do maior líder do povo brasileiro, organizando Comitês de Defêsa de Prestes, e lutando pela anulação do infame processo forjado contra êle e seus companheiros da direção do Partido com o fim único de fazer calar a voz do Comandante da luta de libertação de nosso povo».

★

DESEMPRÊGO NO SETOR DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS



«A situação do Brasil hoje, para mim é pior do que em 1930» — escreve o nosso leitor Nazareno Giavatta. Em seguida mostra como o tirano Vargas, depois de uma campanha contra as liberdades, contra eleições, acabou dando o golpe de 10 de novembro de 1937 instaurando a ditadura fascista.

«Aqui em São Paulo — prossegue — a situação dos empregados das empresas de transportes de cargas é desesperadora. Eu trabalhava na Rodoviária Estrela do Norte de que é sócio o sr. José Morgado, para o qual não existem leis trabalhistas. Até setembro ele fazia os empregados trabalharem à noite sem pagar os 25% a mais do trabalho noturno. Daí os trabalhadores se organizarem e recusarem trabalhar à noite. Então o sr. Morgado passou a nos obrigar a trabalhar das 8 da manhã até às 11 horas da noite. Em dezembro último, num sábado às 7 da noite, Morgado queria obrigar-nos a carregar um caminhão de 8 mil quilos, o que só terminariamos à uma da madrugada. Resolvemos não carregar, apesar das ameaças e brutalidades que êle não pôde concretizar.

Mas como o govêrno de Vargas está «na última lona», a carga diminui. Agora Morgado dispensou 5 empregados, isto é, quase metade, inclusive a mim, vendo que eu esclarecia os operários. O ordenado nessa emprêsa é de 1.500 cruzeiros mensais e para um empregado ser registrado é necessário se acidentar, pois aí a ilegalidade aparece...

Conversei com empregados da emprêsa Cosmos que faz transportes para Santos; esta emprêsa tinha 12 empregados e agora só tem 3. A transportadora Ijuí, São Paulo-Rio Grande, tinha 20 e hoje só tem 8 empregados. E assim estão as demais.

O sindicato tem à frente o getulista Alvaro Gonçalves Caçador. Este «pelego» afirma que, enquanto todos os operários não vierem ao sindicato êle não trata da questão do aumento de salário. Na verdade o que ele é, é um agente patronal e de Getúlio, infiltrado eternamente em nosso sindicato.

★

PRESO O COMBATIVO OPERÁRIO DA LIGHT

O JORNAL de empresa dos trabalhadores da Light, «Energia», de dezembro de 1953 publica a seguinte denúncia:

«Por ordem da Light no dia 27 de novembro, a polícia invadiu a residência do nosso companheiro Alfredo Vasconcelos, prendendo êste trabalhador. A polícia, como de costume, disse que encontrou um mimeógrafo e farta quantidade de material «subversivo». Pura mentira! Foi a própria polícia quem pôs tudo isso na casa dêle, para processá-lo. Por que a Light mandou prender Alfredo Vasconcelos? Porque é um trabalhador que sempre defendeu os direitos de seus companheiros. No Sindicato, lutou como um leão para que tivéssemos êste aumento. Quem deve ir para a cadeia são êstes chefes que perseguem os trabalhadores. E' Getúlio que vende o Brasil para os americanos. O povo e nós operários da Light não estamos de acôrdo com a prisão de nosso companheiro. Centenas de assinaturas estão sendo envidas para o juiz da 1ª Vara Criminal, exigindo a liberdade de Alfredo Vasconcelos».

VOZ OPERÁRIA — Nos. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191

Solicitamos dos nossos leitores e amigos que possuam exemplares das edições de VOZ OPERÁRIA Nos. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191, no-los remeterem com urgência para suprir falhas de nosso arquivo, pelo que muito agradecemos.

A redação

O NOME DE PRESTES ESTÁ EM TÔDA PARTE

DE JUAZEIRO DO NORTE, escreve-nos a leitora Sebastiana de Souza, uma carta de saudação a Prestes pelo transcurso de seu aniversário, da qual extraímos o seguinte trecho: «Para Prestes nunca houve dificuldade que o afastasse da luta em defesa de nosso povo, seus ensinamentos vêm sempre atuando no meio das massas populares, entre os operários e os camponeses. Porque tôda a sua vida é dedicada ao povo é que milhares de brasileiro festejam esta data e te enviam mensagens, juntam-se a ti na certeza de que a vitória pertence aos trabalhadores. O nome de Prestes está em tôda parte, nas fábricas, no campo, nas cidades, nos navios. Onde existe um sofredor, o nome de Prestes surge como seu amparo. Por êste motivo jamais esqueceremos de Luiz Carlos Prestes e da data do seu aniversário. Longos anos de vida ao Cavaleiro da Esperança!».

★

PRISÕES ARBITRÁRIAS

PELOTAS (Do correspondente) — Furiosa com as comemorações do aniversário de Prestes, a polícia local praticou graves arbitrariedades na manhã do dia 3 de Janeiro, aniversário de Prestes. A primeira vítima foi o ferroviário Garaciol Gomes Soares que, de regresso do trabalho noturno, se dirigia para o lar. Em seguida a polícia prendeu os operários Martim Martins e Lourenço Freitas que se encontravam palestrando numa esquina. Os operários foram rudimente ofendidos por têrmos de baixo calão. Entre os policiais figuravam o cabo Cristóvão e o brigadiano Manoel Bigodes, ambos conhecidos por suas violências e baixo caráter, como, de resto, são todos os belegins a serviço do tirâno govêrno dos Vargas. Nada tendo para acusar os operários ilegalmente presos, os policiais que, nem sequer interrogaram suas vítimas, os deram como ébrios na ficha policial.

★

ESTUDAR EM HOMENAGEM A LÊNIN

O leitor Manoel Bonfim Luiz Neves, de São Cristóvão, nos escreve a propósito do aniversário da morte de Lênin, homenageando a memória do Gênio da Revolução Proletária. Depois de declarar que foi a biografia de Lênin o primeiro livro que leu ao ingressar no PCB em 1945, afirma: «Foi, portanto nesta célebre biografia que recebi a primeira lição de Lênin, de como deve estudar um revolucionário membro do Partido Comunista. Devemos aplicar o método de Lênin, estudar como Lênin estudava. Assim fazendo estamos prestando uma grande homenagem ao Gênio da Revolução Proletária, nosso guia imortal; assim fazendo estamos correspondendo ao apelo do CC do PCB para que levantemos o mais ràpidamente possível o nível político e ideológico de todo o Partido, pois será esta a condição básica para que o Partido cumpra o seu papel de impulsionador das grandes massas da cidade e do campo em função da revolução agrária e anti-imperialista, pela conquista de uma Democracia Popular».

★

TODO O POVO ESPERA POR PRESTES

A PRIMEIRA vez que li «O Estado de S. Paulo», jornal das negociatas e mentiras, inimigo dos operários, passei os olhos numa nota que dizia haver sido decretada a prisão preventiva de Prestes.

Isto não nos intimidou. Por que Prestes deve ser preso? Por ser amigo dos operários? Prestes nunca deu qualquer desfalque no Banco do Brasil como muitos vendilhões da pátria, jamais fêz cambalachos com os trustes americanos em troca de gordas gorjetas para vender nossos minérios ou petróleo; Prestes nunca recebeu visitas de embaixadores para negociar o sangue dos brasileiros para a guerra que preparam os imperialistas americanos. Prestes nunca foi lacaio dos trustes, nem fêz promessas em praça pública para não as cumprir.

Quem processa e persegue Prestes são os homens das classes dominantes, os usurpadores da Nação, massacradores do povo como o govêrno de Getúlio. Os trabalhadores estão vendo que caíram na tapeação e falsidade de Getúlio. Quem não se lembra de suas promessas quando ele esteve em Ilhéus? Disse que faria tudo: mecanizava a lavoura, ligaria Ilhéus a Pontal, daria assistência social, ao trabalhador, baixaria o custo de vida, ampararia os velhos e as crianças, faria tudo, tudo pelos trabalhadores baianos.

Antes de conhecerem a realidade, os trabalhadores da Bahia chamavam-no pai dos pobres mas, hoje, todos o chamam de pai da fome e da miséria.

Os baianos não caírão mais em conversa fiada, estão convencidos de que sòmente o Cavaleiro da Esperança e o seu Partido tirarão o Brasil da ruina e o povo da miséria e da ignorância. Todos esperam por Prestes.

a) José Sá — S. Paulo.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA

MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sael.
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:
VOZPERIA

ASSINATURAS

Anual	Cr$ 60,00
Semestral	» 30,00
Trimestral	» 15,00
N. avulso	» 1,00
N. atrasado	» 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

QUEM É QUE SANGRA AS FÔRÇAS DE TRABALHO DOS BRASILEIROS

«Não é possível admitir a penúria no meio da opulência, a escassez no meio da abundância, a condição de uns que não têm o indispensável para viver e a ostentação de outros que têm o supérfluo para malbaratar» — disse o tirano Vargas no discurso de 3.º aniversário de seu calamitoso govêrno.

ENTRETANTO, no curto espaço que nos separa de 1.º de janeiro, a banha teve seu preço majorado de 23 para 27 cruzeiros o quilo. O leite subiu 30 e 70 centavos para dois tipos, passando a 4,10 e 5,20 o litro. O açúcar sofreu uma majoração de 4,10 para 5,50 o quilo. As verduras, uma alta de 30 a 40%. O preço do café em pó foi elevado de 38 para 47 cruzeiros. A liberação da carne foi mantida, o que, segundo os cálculos da própria COFAP, dá lucros superiores a 117% principalmente aos frigoríficos. O pão foi mantido a 10 cruzeiros, mas a COFAP liberou os chamados tipo «suíço», «alemão» e «francês». É tão escabrosa a situação, que as emprêsas de transporte entre Rio e São Paulo resolveram aumentar as tarifas por conta própria em 40%, alegando a elevação do preço da gasolina. Aliás, segundo a revista «Observador Econômico e Financeiro», o preço da gasolina no mercado internacional caiu de Cr$ 0,02 (dois centavos o litro), mas, em consequência do Esquema cambial americano de Vargas e Oswaldo Aranha, teria que sofrer no Brasil majoração inicial mínima de 50 centavos, o que realmente se deu. Os medicamentos sofreram também alta de mais ou menos 30%. O alho subiu de um cruzeiro a cabeça, para 3,00; a cebola atingiu o teto da tabela, passando de 4,50 para 7,50.

E assim sobem os preços em proporções nunca vistas, estando em pauta numerosos outros produtos para serem majorados, inclusive o açúcar cujo preço, segundo a pretensão inicial dos usineiros, deveria ser aumentado em 1,80.

«Posso hoje anunciar o meu programa de govêrno, programa que venho executando em silêncio e só não o anunciei previamente, porque os debates teriam impedido a sua realização» — disse mais o demagogo Vargas.

EFETIVAMENTE Getúlio está invicto na história do Brasil em matéria de cinismo. Pois cabe também a êle nestes 3 anos de calamidades para o nosso povo o recorde de inflação. Só no mês de dezembro, Getúlio lançou no país, através de seu ministro Aranha, cêrca de quatro bilhões de cruzeiros. Somados êsses 4 bilhões aos 3 bilhões e 400 milhões de cruzeiros lançados em circulação a partir de junho de 1953, até fins de outubro, conclui-se que a quantidade de «dinheiro falso» circulando no país aumentou brutalmente, constituindo assim quase a quarta parte (cêrca de 18%) de todo o papel moeda em giro. De 1945 a 1950 foram emitidos 13 bilhões e 670 milhões de papel moeda. A partir da posse de Getúlio, de 1950 a 1953, portanto em prazo muito menor, foram emitidos 15 bilhões 787 milhões de cruzeiros. É tão monstruosa esta forma de imposto sôbre o povo, que o poder de compra de 100 cruzeiros reduziu-se para 14 cruzeiros e 80 centavos, já em abril de 1953, segundo dados oficiais compulsados pela revista da Bolsa de Mercadorias de São Paulo. Esta é uma das causas da carestia crescente que sufoca o povo brasileiro. A inflação é uma das constantes do plano de Vargas para sangrar a nação.

«...já iniciamos a reconstrução das estradas de ferro com o programa de substituição de 562 mil toneladas de trilhos...», etc. — refere-se Vargas ao reaparelhamento projetado sob a batuta dos «técnicos» americanos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.

MAS o demagogo não diz que êste reaparelhamento se limita às linhas destinadas a facilitar o saque de nossas riquezas pelos imperialistas ianques, especialmente dos nossos minérios de manganês, e de ferro de Lafaiete, e Paraopeba em Minas, de Urucum em Mato Grosso, do Amapá, etc. Segundo discurso do deputado federal Artur Santos, Presidente da UDN, 20 milhões de sacas de produtos agrícolas só no norte do Paraná, sem contar com a vultosa safra gaucha, perigam por falta de transporte. Todos os anos, tanto nessas como em outras zonas agrícolas, os gêneros alimentícios apodrecem por falta de transporte. Alem disso, os agricultores, desesperados, são forçados a entregar a qualquer preço os seus produtos, os quais, nas garras dos especuladores, principalmente americanos e seus agentes, atingem a preços astronômicos nos grandes centros ou são exportados em detrimento do povo brasileiro.

«Agora vou dizer-vos como se sangravam as energias de trabalho do povo brasileiro». — disse Vargas. E confessa que só em 1950 verificou-se uma violenta elevação de 50% nos valores de importação.

EM 1952, segundo revela Carlos Duarte em reportagem publicada no n.º 247 da VOZ OPERÁRIA, pagamos 15 bilhões de cruzeiros pela mercadoria americana cujo valor não passava de 5 bilhões. Somando êsse «rombo» aos 7 bilhões e 400 milhões de renda bruta confessada pelo Departamento de Comércio, além de outras rendas menores saqueadas do Brasil pelos imperialistas ianques, concluimos que num só ano foram para as mãos dos magnatas do dólar cêrca de 20 bilhões de cruzeiros. Sendo a renda nacional de 240 bilhões aproximadamente pode-se afirmar que cada brasileiro produz de graça um mês em cada ano para os imperialistas ianques. Convém notar que êsse saque da renda nacional foi efetuado sob a «chantagem de que estava iminente nova guerra mundial e que, portanto, os importadores nacionais se deveriam prevenir para tempos difíceis...

E OS IMPOSTOS? — As principais fontes de receita do país repousam nos impostos de consumo, de vendas e consignações e de renda. O de renda, como se sabe, atinge em cheio as camadas médias e amplos setores da pequena indústria e do comércio. Mas os dois primeiros atingem brutalmente os consumidores, caindo sôbre os produtos correntes. Pois bem, o govêrno suga hoje, só nestes três impostos, 36 vezes mais que em 1936, quando essas fontes de receita atingiam a um bilhão de cruzeiros. Só em 1953, o povo contribuiu, segundo as previsões, com 16 bilhões e 88 milhões de impostos de vendas e consignações e 10 bilhões e 247 milhões de imposto de consumo. O de renda teria a 10 bilhões e 942 milhões. Como se sabe os impostos de consumo e de vendas e consignações são os impostos da fome, aqueles que elevam automàticamente os preços das mercadorias, provocando o agravamento da carestia da vida por serem frequentemente aumentados. Há casos em que, da fonte de produção até o consumidor, um mesmo produto paga 7 a 8 vezes o imposto de vendas e consignações sôbre seu valor que aumenta ao passar pelas mãos de cada intermediário.

O PROGRAMA DO PCB — CAMINHO DA SALVAÇÃO

MAS não fica aí o parasitismo imperialista e do govêrno dos latifundiários e grandes capitalistas chefiado por Vargas. Getúlio já anunciou o lançamento de um empréstimo interno no montante de 60 bilhões de cruzeiros, dinheiro arrancado à nação além de todos os impostos, para financiar a preparação do país para a guerra que já consome cêrca de 31 por cento confessados do orçamento nacional. Vai arrancar, através do novo imposto para o chamado Fundo Nacional de Eletricidade, 59 bilhões de cruzeiros destinados a financiar os trustes Light e Bond & Share que controlam 90% da energia elétrica no país. O objetivo de Vargas, através do monstruoso Esquema Aranha, é arrancar 18 bilhões de cruzeiros aos importadores nacionais, encarecendo assim os produtos de importação e, consequentemente, o custo de vida no país. Êsse dinheiro, por outro lado, está sendo entregue aos exportadores, principalmente ianques, à razão de 10 cruzeiros por dólar de café exportado e 5 cruzeiros por dólar de outros produtos exportados.

Eis alguns aspectos do govêrno de traição nacional de Vargas que o tirano procura encobrir com seu demagógico discurso no 3.º aniversário de servidão aos imperialistas ianques.

Govêrno de carestia, de congelamento de salários, de saque desalmado da nação, o govêrno de Vargas, é um verdugo do povo brasileiro. Só pondo-o abaixo e instaurando um Govêrno Democrático de Libertação Nacional, como indica o Programa do P.C.B., poderá o povo brasileiro libertar-se do imperialismo ianque e das forças do atraso e da colonização, os latifundiários e grandes capitalistas.

Só a revolução democrática de libertação nacional, anti-feudal e anti-imperialista, dará ao povo brasileiro um govêrno das forças progressistas, capaz ao mesmo tempo de defender os interesses das grandes massas consumidoras e os interesses das demais classes progressistas, os agricultores, pecuaristas, industriais e comerciantes que desejam o progresso e a libertação do Brasil.

Salário-Mínimo Para já, Exigem os Trabalhadores

«A CONQUISTA do novo salário-mínimo, ganha fôrça em todo o Brasil mas, em São Paulo, como pude constatar, está mais forte. E' preciso que intensifiquemos nosso trabalho aqui, a fim de tornar a campanha vitoriosa.» Assim se expressou um dirigente sindical presente a importante reunião do Movimento Intersindical pró-Salário-Mínimo de Distrito Federal.

Sucedem-se as assembléias de emprêsas em São Paulo

De fato, dezenas de atos públicos vêm sendo promovidos na capital paulista pela conquista do salário-mínimo, na Lapa, no Ipiranga, no Salão das Classes Laboriosas, no Largo da Concórdia.

A atividade é grande, notadamente no Sindicato dos Metalúrgicos, onde as assembléias se sucedem desde as 7 horas da manhã. Para se ter idéia dêsse movimento basta dizer que, num dia, se realizou uma grande assembléia pela manhã e, outras à noite na qual participaram 3 emprêsas metalúrgicas previamente convocadas, Sucedem-se as assembléias: Wolf, Santa Rosa, Spina, M. Paulista, O. Ribeiro, Ultra, C. Nascimento, Metalúrgicas Matarazzo, Atlas, Arno. Cada uma dessas emprêsas, como dezenas de outras mais, discutem o salário-mínimo no Sindicato.

A Comissão Intersindical de São Paulo e os sindicatos enviam seus representantes às portas de fábricas, intensificam a propaganda para a grande manifestação pública que se realizará em 15 do corrente no Teatro Colombo, quando o proletariado paulista dará a sua resposta às manobras protelatórias de Getúlio, decidindo-se a conquistar o salário-mínimo com suas próprias forças.

Movimentos intersindicais em todo o país

Como na capital paulista e no Distrito Federal, intensifica-se a campanha em todos os pontos do país. Em Santos, atos vigorosos têm sido realizados; em Jundiaí, todos os sindicatos estão trabalhando ativamente no sentido de conseguir fazer vitoriosa essa reivindicação dos trabalhadores. Listas de assinaturas estão correndo nos locais de trabalho, principalmente entre os ferroviários.

Em Petrópolis, no Estado do Rio, nas fábricas, os trabalhadores organizam-se e unem-se num só pensamento. Conquistar o salário-mínimo, no mais breve espaço de tempo. Para isso têm sido inúmeros os atos públicos realizados participando deles, centenas de têxteis e de trabalhadores dos mais diversos setores.

O movimento pela conquista do salário-mínimo desenvolve-se tendo como base o entrelaçamento de todos os setores e sindicatos, em organizações intersidicais que apoiam umas às outras. Assim, a organização intersindical do Distrito Federal envia delegados e representantes às grandes Concentrações de São Paulo e de Petrópolis.

Getúlio e Jango buscam intimidar os dirigentes sindicais

Nesta Capital, após o êxito obtido com a impressionante concentração da Esplanada do Castelo, o movimento pela conquista do salário-mínimo se reforçou e se ampliou muitíssimo nos sindicatos e nas fábricas.

São constantes as assembléias e a constituição de novas Comissões de setor. Os trabalhadores em fábricas de tecidos, numa demonstração de confiança na chapa eleita e não empossada, elegeram-na como sua Comissão pró-Salário-Mínimo

A unidade dos trabalhadores cariocas continua inquebrantável, muito embora as manobras traiçoeiras do Ministro do Trabalho que tem buscado intimidar com ameaças vários líderes sindicais que se vêm mantendo firmes no propósito de não recuar da luta que empreendem. Quer que os trabalhadores se submetam à sua vontade, que fiquem divididos a fim de que o velho tirano Vargas possa cumprir a sua promessa de só tomar qualquer decisão que consulte os interêsses das «classes conservadoras.»

O «Diário Carioca» cobra 3.500 cruzeiros pelo Edital

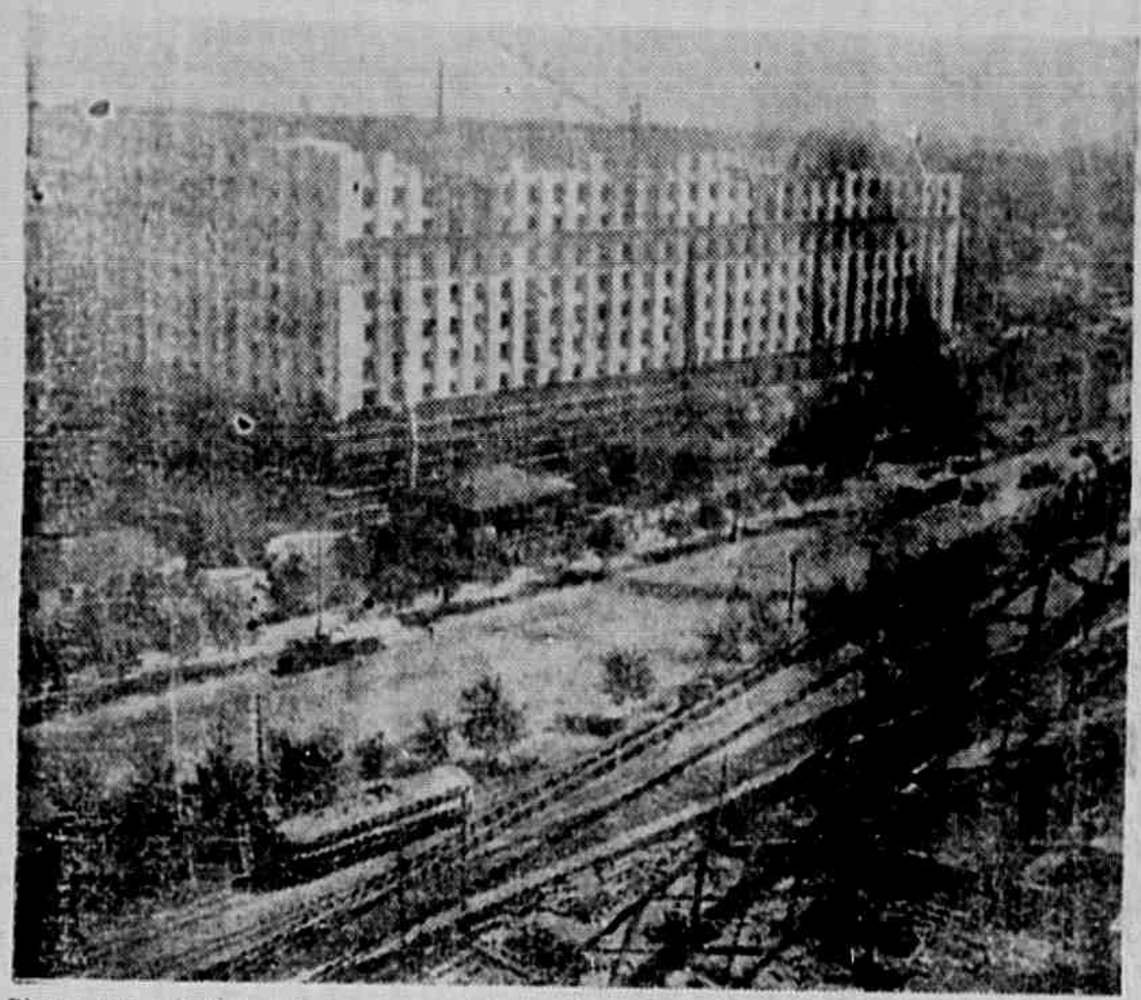
Inúmeros são os obstáculos também que os grandes capitalistas colocam à frente dos trabalhadores para impedir-lhes a conquista do salário-mínimo. «O Jornal», «O Correio da Manhã», «O Globo» e outros mais, refletindo aquêles interêsses desencadeiam terrível campanha de falsidade contra a concessão do salário-mínimo, argumentando que haverá desemprêgo, encarecimento de preços, tudo isso que já está existindo sem alteração do salário-mínimo.

Mas, não é só. Eles sabotam tôda propaganda dos trabalhadores pelo salário-mínimo. Recentemente o Movimento Intersindical pró-Salário-mínimo denunciou perante a assembléia de representantes sindicais, que apenas dois jornais haviam publicado a nota de convocação daquele ato embora todos fossem solicitados a fazê-lo. E, quando publicam qualquer nota, acontece como o «Diário Carioca» que cobrou o exagero de 3.500 cruzeiros por apenas alguns centímetros em página interna, enquanto a «Imprensa Popular» órgão dos trabalhadores cobrou 800 cruzeiros numa publicação de primeira página.

O jornal de Prestes põe suas páginas à disposição dos trabalhadores e msua luta pela conquista de suas reivindicações e não foi por acaso que os milhares de pessoas presentes ao comício da Esplanada aplaudiram-no delirantemente.

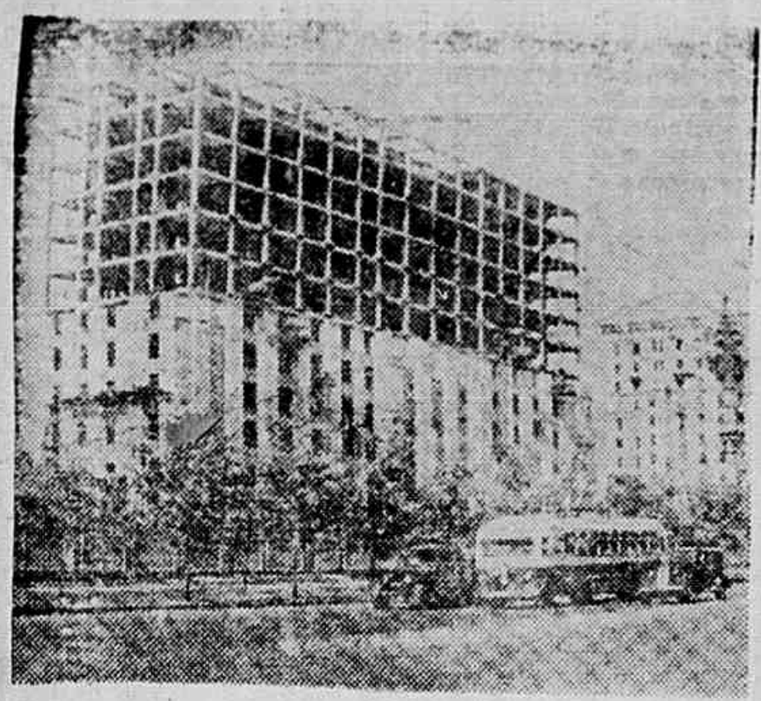
Os trabalhadores conquistarão o salário-mínimo

A vigorosa movimentação dos trabalhadores, promovendo assembléias, reuniões nas emprêsas, comícios em praça pública e tôda sorte de atos e manifestações nas emprêsas e nos sindicatos, forja uma fôrça gigantesca, e invencível a unidade de ação dos trabalhadores na luta pela conquista do salário-mínimo, e pelo congelamento dos preços das mercadorias.



Gigantesco conjunto que se ergue na auto-estrada Yaroslav contrasta com as pequenas casas que ficam em frente a êle e que cedo serão demolidas

CONSTRUINDO PARA O POVO



Modernissimos e confortáveis conjuntos residenciais para os trabalhadores erguem-se na Rua Peschanaia, em Moscou

Diariamente de cinquenta a sessenta familias mudam-se para novas moradias. Isso se dá em Moscou. Trata-se de apartamentos modernos e bem construidos em todos os aspectos.

«O trabalho é primoroso. Gostaria que minhas quatro filhas casadas morassem em apartamentos como êsses.»

Êste comentário, que está escrito no livro de visitas do edifício n.º 58 da Rua Peschanaia, em Moscou, foi feito por um visitante estrangeiro no ano passado, logo após o término da construção.

Nos 35 anos decorridos depois da Revolução, os moscovitas receberam 250.000 apartamentos em novos edifícios — quantidade aproximadamente igual ao total das moradias que se acumularam em Moscou nos seus 800 anos de existência antes da Revolução.

Antes de Outubro havia poucas casas de boa qualidade em Moscou. De cada dez casas, sete eram de madeira e dessas a metade não passavam de bangalôs.

E' verdade que nos primeiros anos dêste século foram erigidos cerca de doze prédios relativamente grandes no centro da cidade, mas, devido ao aluguel exorbitante, tais apartamentos estavam fora do alcance do povo trabalhador.

Os belos palácios e mansões da burguesia e da nobreza perdiam-se no labirinto das ruas acanhadas e dos pardieiros.

Nos arrabaldes, as ruas sujas e sem pavimentação estendiam-se por muitos quilômetros. A maior parte do povo moscovita habitava residências de aparência triste e praticamente em ruinas, ao longo dessas ruas.

MELHORAMENTOS RADICAIS

O govêrno soviético remodelou os bairros pobres e deu ao povo trabalhador oportunidade de mudar-se para novas casas. A reconstrução de Moscou mostra a solicitude do govêrno soviético em melhorar radicalmente as condições de vida do povo.

Obedecendo ao primeiro plano de reconstrução, lançado na década de 30, muitas das velhas ruas e praças foram retificadas e alargadas, e novas e amplas avenidas, margeadas por blocos de edifícios elevados, iniciou-se extenso programa de construções tanto no centro da cidade quanto nos subúrbios, sendo que nestes especialmente.

O traçado da cidade foi planificado. Ruas e praças foram pavimentadas, reconstruiram-se as velhas pontes sobre os Rios Moscou e Yauza, além de serem construidas novas pontes.

Muitas outras melhorias foram introduzidas. Assim nos transportes, fundamentalmente com a construção do metropolitano que hoje transporta diàriamente 2 milhões de passageiros. Antes da Revolução sòmente 10.000 casas em Moscou dispunham de gás; hoje, após as obras de 1945-46 o serviço de gás foi inteiramente resolvido.

O PLANO DE DEZ ANOS

O atual plano de 10 anos (1951-60) também coloca em primeiro plano a construção de casas e o desenvolvimento dos serviços públicos. Durante êste plano, os moscovitas receberão aproximadamente mais outros 250.000 apartamentos, o que corresponde ao total do espaço habitável ao longo de uma avenida de 60 quilômetros de extensão com prédios de 10 andares construidos de cada um de seus lados.

Este plano prevê a construção de 400 escolas, de novos cinemas com lugar para 25.000 espectadores, inúmeros jardins de infância e creches, lojas, restaurantes e muitos outros estabelecimentos culturais e para serviços de utilidade pública. Nos distritos mais aprazíveis em torno da capital constroe-se casas de campo para hospedar 100.000 pessoas.

Este programa, que já anda bem adiantado, está sendo realizado com êxito. Nos primeiros dois anos do plano construiram-se em Moscou 1.500 edifícios residenciais.

MÉTODOS INDUSTRIAIS DE CONSTRUÇÃO

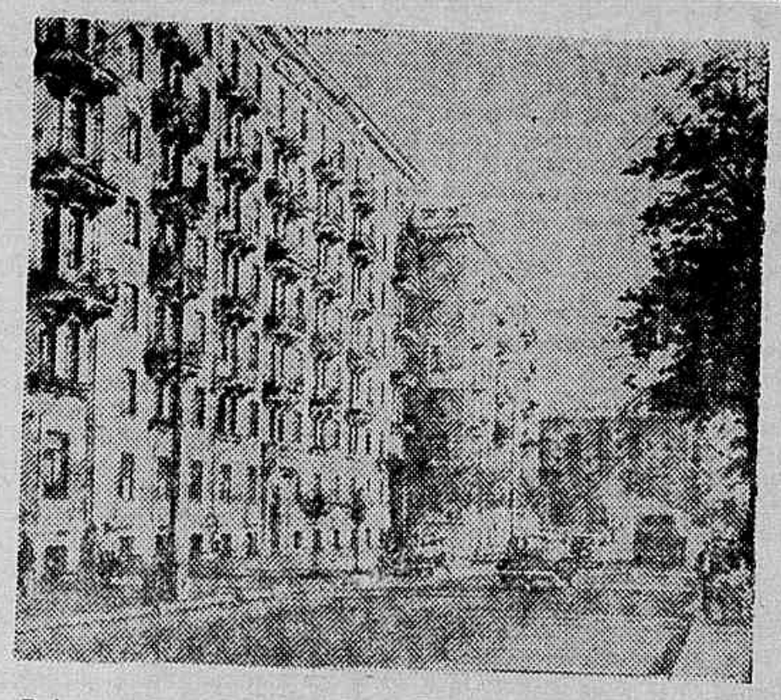
O emprego de métodos industriais de construção tornou esse trabalho o mais rápido possivel. Cada vez mais a construção de novos edifícios se transforma no simples ajuste mecanizado de peças pré-fabricadas. Quarenta fábricas, algumas já prontas, outras em construção, especializam-se na produção de seções de estrutura, pré-fabricadas e de unidade, bem como de diversos outros materiais de construção.

NAS COLINAS LÊNIN

Um grande bairro residencial está surgindo na região sudoeste da cidade, conhecida como «Colinas Lênin», onde foi construido o prédio de 38 pavimentos da Universidade de Moscou.

Trata-se de um planalto colocado acima da cidade, num bonito lugar. Fica ao longo do Rio Moscou, compreende diversos pequenos bosques e é retalhado de córregos.

Prédios de 10 a 14 andares estão agora sendo construidos nas imediações da Universidade. Em 1960 esta nova zona da cidade terá acomodadações para 250.000 pessoas. Será uma verdadeira cidade, com tôdas as facilidades para seus moradores. «Playgrounds» para as crianças, quadras de tenis e de voleibol, garagens subterrâneas para carros particulares serão feitas dos edifícios residenciais.



Dois grandes conjuntos situados na auto-estrada Yaroslav são alguns dentre centenas que ora se estão erguendo em Moscou

Prédios públicos, teatros, cinemas, lojas e restaurantes ornarão as praças, além das fontes e da estatuária. Todo o distrito residencial das Colinas Lênin será adornado com milhares de árvores frutíferas e milhões de arbustos.

Com êste plano Moscou se prepara para ser verdadeiramente a grandiosa capital do Comunismo.

Para os Sindicatos Todo o Dinheiro do Imposto Sindical

Importante Manifesto da Confederação dos Trabalhadores do Brasil contra o desvio do dinheiro proveniente do imposto sindical pelo Ministério do Trabalho

Publicamos abaixo o Manifesto lançado pela Confederação dos Trabalhadores do Brasil aos trabalhadores de todo o país e ao povo brasileiro:

Trabalhadores, Trabalhadoras.

Aos Sindicatos, Associações profissionais e Federações.

TODO O DINHEIRO DO IMPOSTO SINDICAL ENTREGUE AOS SINDICATOS.

No mês de março que se aproxima, mais uma vez, vai ser descontado compulsòriamente o inconstitucional imposto sindical. Cada vez mais cresce a repulsa a êsse desconto obrigatório, tomado de nossos salários ordenados e vencimentos.

Os trabalhadores, os empregados, sabem muito bem que além de constituir um roubo ao nosso salário, ainda por cima êsse dinheiro, que cada ano sobe a grandes quantias, não é entregue inteiramente aos sindicatos, às associações profissionais. 20% vão para o Fundo Social Sindical consumido na política de suborno e de repressão ao movimento operário e na propaganda política do govêrno; outros 20% para Federações e Confederações, muitas delas organizadas à revelia dos trabalhadores, sem seu contrôle e quase sempre a serviço da classe patronal e da repressão governamental.

Sòmente 60% é que pertencem aos Sindicatos, mesmo assim sob o contrôle do Ministério do Trabalho, que intervindo na vida sindical, congela quando quer êsse dinheiro depositado obrigatoriamente no Banco do Brasil, impedindo que o sagrado dinheiro dos trabalhadores seja empregado nas suas associações de classe.

COMPANHEIROS TRABALHADORES E EMPREGADOS

Desde que o dinheiro do imposto sindical é dos trabalhadores, para as suas associações de classe, deve ser entregue mensalmente aos sindicatos. Os sindicatos necessitam dêsse dinheiro. Com o crescimento de despesas, com o maior número de sindicalizados, com o aumento de gastos com causas na Justiça do Trabalho, e obras de assistência, êsse dinheiro não deve ser desviados para outros fins, tão excusos como os do Fundo Sindical social e de alguns organismos sindicais superiores, que nada têm a ver com os interesses da classe operária.

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil, conscia de que interpreta a vontade de milhões de trabalhadores que são descontados obrigatoriamente do imposto sindical, inicia uma intensa propaganda e os primeiros passos de um sério combate para que TODO O DINHEIRO DO IMPOSTO SINDICAL SEJA ENTREGUE INTEIRA E DIRETAMENTE AOS SINDICATOS PROFISSIONAIS.

Que se termine o desconto de 20% para o Fundo Social Sindical e o dinheiro das federações seja arbitrado pelas assembléias dos Sindicatos filiados, mediante um contrôle direto dos sindicatos, que darão ciência aos associados, dos seus balancetes.

Assim, terminarão os escandalosos roubos feitos com o dinheiro dos trabalhadores e como um meio de sustento da politica de compressão partidaria do govêrno e seus agentes.

A. C.T.B. conclama os trabalhadores e suas organizações de classe a tomarem desde já as medidas necessárias para que êste ano já o dinheiro do imposto sindical seja inteiramente para os gastos necessários dos sindicatos e que poderá evitar que se elevem as mensalidades dos associados, como são obrigados a fazer os órgãos de classe, para atenderem aos seus gastos aumentados.

O dinheiro do imposto sindical pertence inteiramente aos trabalhadores. Ele é que produziu e ninguém pode se apoderar da parte do produto de seu trabalho. O govêrno não pode, violando como tem feito há anos, pagar funcionários públicos com dinheiro que não consta do orçamento da Nação.

Desde já exigir que seja entregue o dinheiro do imposto sindical ao sindicato, realizando assembléias gerais para isso, lavrar atas e enviar as resoluções das assembléias ao govêrno, impetrar mandados de segurança, lutar em conjunto e levar até às Casas Legislativas os seus protestos, para que estas também participem da campanha.

A nossa palavra de ordem deve ser: **todo o dinheiro do imposto sindical entregue aos sindicatos.**

Extinção imediata e completa do Fundo Social Sindical e da Comissão do Imposto Sindical, devendo o dinheiro que ainda se encontra à sua disposição, ser entregue a uma Comissão de dirigentes sindicais, eleitos nos seus sindicatos, para proceder ao seu exame e a entrega às obras sociais dos trabalhadores.

As subvenções às Federações serão feitas de acôrdo com as resoluções das assembléias gerais dos sindicatos, que poderão examinar a atuação dessas Federações.

A C. T. B. tem plena confiança em que os trabalhadores e seus organismos sindicais, que cada dia se tornam mais unidos e mais fortes, que marcham pelo caminho seguro da sua liberdade e da sua autonomia, saberão transformar o imposto sindical em benefício dos sindicatos, e portanto, de todos os seus contribuintes.

Ajamos, unidos e com rapidez, para que êste ano ainda demos mais um passo para a liberdade, independência e grandeza de nossa associação de classe.

A Diretoria da C.T.B.»

Vargas Arrasta o Brasil Pelo Caminho da Guerra

"Arrastar o Brasil à guerra, vendê-lo aos imperialistas americanos a fim de conservar o latifúndio e as sobrevivências feudais e escravistas na agricultura — eis o objetivo de tôda a política de govêrno de Vargas. Esta política, que corresponde aos interêsses de uma minoria reacionária, choca-se irreconciliàvelmente com os interêsses da maioria esmagadora da população do Brasil, com os supremos interêsses da nação".

(DO PROGRAMA DO P.C.B.)

Eis o Que Faz um Govêrno de Guerra

— O Brasil é submetido a uma intensa militarização. Milhões de dólares e cruzeiros são gastos na compra de armamentos nos E.E.U.U. Repetem-se em todo o país as manobras militares em grande escala, sempre sob o comando de oficiais norte-americanos, visando apresentar às fôrças armadas e à população como fato consumado os preparativos de guerra. Com o mesmo fim, sucedem-se as insultuosas «visitas» de tropas e esquadras ianques ao nosso país.

— Nossas fôrças armadas são colocadas sob o comando de oficiais e sargentos ianques, que as instruem para as aventuras guerreiras dos Estados Unidos.

— É assinado o infame «Acôrdo Militar», pelo qual o Brasil fica obrigado a enviar tropas para o estrangeiro, a ceder ao govêrno ianque nossas bases militares e a entregar nossas matérias-primas estratégicas à indústria de guerra americana.

— Grandes bases navais e aéreas são construidas em diferentes pontos do país, de acôrdo com os planos agressivos do govêrno ianque. Só na construção da Base Naval do Recife são gastos mais de 10 bilhões de cruzeiros.

— Varios trechos de ferrovias e alguns portos são construidos ou reaparelhados com o objetivo de facilitar o transporte e o embarque, para o exterior, de matérias-primas para a máquina de guerra norte-americana, assim como para permitir a movimentação de grandes efetivos militares e o reabastecimento de poderosas esquadras navais e aéreas. Estas obras, destinadas a fins guerreiros, deverão consumir perto de 15 bilhões de cruzeiros.

— O govêrno garante e estimula abertamente a propaganda dos imperialistas norte-americanos e de seus lacaios brasileiros, através da literatura, do cinema, do rádio, etc., procurando incutir em nosso povo a idéia da necessidade de participação do Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos.

— A política exterior de Vargas, refletindo as ordens do Departamento de Estado norte-americano, contribui para manter e agravar a tensão internacional. O Brasil não tem relações com a URSS, a China e as democracias populares. A delegação brasileira no ONU apoia tôdas as provocações de guerra norte-americanas, como a sabotagem do armistício na Coréia ou o projeto de «revisão» da Carta das Nações Unidas.

As forças do imperialismo americano pisam o nosso solo favorecidas pelo govêrno de Vargas

«O GOVÊRNO DE VARGAS É, PORTANTO, UM GOVÊRNO DE PREPARAÇÃO DE GUERRA, E DE TRAIÇÃO NACIONAL, É UM GOVÊRNO INIMIGO DO POVO»

(Do Programa do P.C.B.)

ESTA POLÍTICA DE MILITARIZAÇÃO DO BRASIL PREJUDICA TODO O POVO PORQUE:

govêrno de Vargas destina bilhões de cruzeiros ra fins militares, enquanto não dá a mínima oteção ao povo que vive sub-nutrido, doente, morando em casebres

★ *Constitui para a mocidade brasileira a ameaça de ser massacrada em proveito exclusivo dos magnatas ianques e de seus sócios brasileiros, os latifundiários e grandes capitalistas.*

★ *Arruina a economia do país, transformando-a em simples apêndice da economia de guerra dos Estados Unidos. Pelo «Acôrdo Militar» o Brasil fica obrigado a exportar materiais básicos e estratégicos pelos preços fixados há 12 anos em Washington.*

★ *Aumenta a miséria das massas. Com a compra de armamentos e a realização de obras de caráter militar crescem as despesas públicas, aumenta a inflação monetária, elevam-se os impostos e sobem os preços de todos os produtos. E' o povo quem paga os preparativos de guerra.*

Ao Brasil Interessa o Caminho da Paz

Para que o Brasil possa progredir para que o povo tenha uma vida tranquila e feliz é preciso seguir outro caminho: o caminho da paz.

É êste o caminho que nos aponta o programa do P.C.B. ao indicar as seguintes medidas, que serão levadas à prática pelo govêrno democrático de libertação nacional e que assegurarão a paz para o povo brasileiro:

— Adoção de medidas que favoreçam a manutenção da paz. Proibição da propaganda de guerra e punição para os propagandistas de guerra.

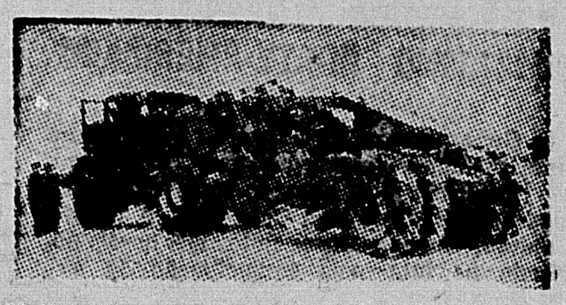
— Relações amistosas e colaboração pacífica com todos os países, especialmente com os países capazes de colaborar com o Brasil sem qualquer discriminação, na base de plena igualdade de direito e de mútuos benefícios.

— Anulação de todos os acordos e tratados, lesivos aos interêsses nacionais, concluidos com os Estados Unidos.

— Expulsão do Brasil de tôdas as missões militares, culturais, econômicas e técnicas norte-americanas

— Democratização das fôrças armadas e criação do exército, da marinha e da aviação nacional-populares, estreitamente ligados ao povo, que defendam a paz, a independência nacional e as conquistas democráticas do povo.

«O GOVÊRNO DEMOCRÁTICO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL SERÁ UM GOVÊRNO AUTENTICAMENTE DEMOCRÁTICO E POPULAR. SERÁ UM GOVÊRNO PATRIÓTICO E DE PAZ, DE DEFESA DA SOBERANIA E DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL. SERÁ O GOVÊRNO DE SALVAÇÃO DO BRASIL E DA FELICIDADE DO POVO BRASILEIRO». (Do Programa do P.C.B.;)



Muito teria a lucrar o nosso povo com o restabelecimento de relações com a URSS. Aperfeiçoadas máquinas agrícolas como essa além de milhares de outros produtos poderão ser adquiridos em troca de café, algodão, etc.

Unamo-nos Todos Contra o Govêrno de Guerra

Os interêsses da esmagadora maioria da população brasileira, os supremos interêsses da nação exigem a substituição do govêrno de Vargas — um govêrno de guerra — pelo govêrno democrático de libertação nacional, que garantirá a paz para a nosso povo.

A vitória das fôrças amantes da paz em nosso país só será possível — como afirma o Programa do P.C.B. — «se elas se unirem, se forjarem na própria luta libertadora contra a política de guerra, de fome e reação do govêrno de Vargas a mais ampla frente única anti-imperialista e anti-feudal, a frente democrática de libertação nacional».

Unamo-nos, pois, todos os brasileiros que anseiam pela paz, na luta contra o govêrno de Vargas, que arrasta o Brasil pelo caminho inglório da guerra.

INICIAM-SE ÊSTE MÊS AS CONVENÇÕES MUNICIPAIS PELA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

Intensos Debates em Todo o País Sôbre Problemas Locais e Nacionais

As reuniões dos dias 3 e 4 expressaram a grande amplitude da campanha preparatória da Convenção Pela Emancipação Nacional

O povo em numerosos atos públicos manifesta com entusiasmo o seu interêsse pela Convenção de Emancipação Nacional a realizar-se em abril do corrente ano.

AS REUNIÕES dos dias 3 e 4 do corrente, promovidas pela Comissão Organizadora da Convenção Pela Emancipação Nacional foi um balanço dos importantes êxitos já obtidos em todo o país por êsse movimento. Contando com a presença de grande número de personalidades de vários Estados, homens e mulheres pertencentes a diversas correntes políticas, líderes religiosos, militares; a solenidade do dia 3 permitiu antever, pela sua vibração, pelo entusiasmo de seus participantes, o que será esse encontro entre os representantes das forças progressistas para o debate dos problemas nacionais e a elaboração de um programa de ação comum, de salvação da pátria.

A instalação da reunião, no auditório da ABI, estiveram presentes mais de 1.000 pessoas que aplaudiram entusiàsticamente a vários oradores, cujos discursos, além de constituirem verdadeira profissão de fé patriótica, encerram um conteúdo de combativa oposição ao govêrno de Vargas, apontado como o responsável pela crescente penetração do imperialismo norte-americano em nosso país para o saque das riquezas e a colonização. Quanto à reunião do dia 4, constituiu ela, pelas medidas adotadas, um passo decisivo para impulsionar os trabalhos finais da preparação do grande conclave de abril.

AMPLITUDE

A Mesa que presidiu aos trabalhos refletia, pela sua composição, toda a amplitude que já atingiu o grande movimento preparatório da Convenção. Faziam parte da Mesa, o deputado Gastão Vieira de Alencar, líder do PTB paranaense, general Leônidas Cardoso de São Paulo, dr. Fernando Guedes, do R. G. do Sul, Dr. Franklin Reis, líder do PR Mineiro, Vereador Mario Guergel, do PTB de Vitória, vereador Afonso Celso, do P.S.B. de Niterói, coronel Crodegando de Morais Mendes, do Distrito Federal, Prof. Oswaldo Melantonio, do PSB paulista, deputado federal Euzébio Rocha e outras destacadas personalidades. Ali estavam figuras representativas de entidades juvenis, femininas e sindicais, pessoas que têm atrás de si toda uma força de opinião, que representam as aspirações e exigências patrióticas do nosso povo.

O PIOR INIMIGO DO BRASIL É O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

O General Edgar Buxbaum, falando em nome da Comissão Preparatória, expressou com justificado otimismo, os êxitos já alcançados na preparação da Convenção e, depois de rememorar os grandes feitos dos heróis do passado na luta pela emancipação da pátria, exclamou:

— «Presentemente, o inimigo, o maior e pior de quantos temos tido, é a dominação econômica de nossa terra pelos trustes norte-americanos. E' contra essa forma agressiva e corruptora que precisamos mobilizar tôdas as nossas reservas morais e materiais».

Analisando a situação nacional particularmente a partir da convocação da Convenção, afirma o ilustre general que «aprofunda-se o descontentamento de todo o povo brasileiro», pois a crise se agravou «avolumou-se a descrença no Govêrno, tornou-se mais clara a perspectiva da derrocada geral de nossa economia e de nossas finanças». E mais adiante: «...da submissão governamental cada dia mais acentuada o que decorre é a ameaça concreta de novas leis de arrôcho como o monstruoso projeto de «Lei de Infidelidade à Pátria», decalcada na lei americana de igual sentido liberticida».

Referindo-se à política exterior, disse: «Nos bastidores do Departamento de Estado, maquinou-se a manobra muito mal disfarçada no sentido de o Itamarati arcar com os ônus morais e políticos da intervenção americana na República da Guatemala. A simples leitura da Agenda da anunciada Conferência de Caracas seria motivo para qualquer govêrno democrático recusar-lhe adesão. E espantosa essa Agenda contra a emancipação dos povos americanos.

Finalizando, o general Edgar Buxbaum conclamou os delegados a aprofundarem os estudos, a ampliarem as assembléias de consulta a fim de que venham munidos da experiência e autoridade para os debates da Convenção e a elaboração do programa de ação comum e pela emancipação nacional.

O dr. Franklin dos Reis, líder do PR mineiro, assim expressou seu entusiasmo pela reunião: «Em minha longa vida pública já presenciei muitos episódios emocionantes. Nunca, entretanto, vi uma vibração como a de agora. Voltarei para meu Estado com a disposição de multiplicar esforços para o êxito da Convenção».

Os discursos não se limitaram a temas puramente técnicos. A luta patriótica pela emancipação do Brasil, leva, naturalmente, à oposição à política entreguista do govêrno de Vargas, que os oradores manifestaram.

O prof. Oswaldo Melantonio, do P. S. B. paulista, declarou a certa altura que na recente campanha eleitoral «sòmente quando levantávamos a bandeira nacionalista, sòmente quando acentuamos a posição de nosso candidato como participante das campanhas de defesa do petróleo e da paz, só então sentimos a receptividade do povo».

DENÚNCIAS CONCRETAS

A denúncia da política de Vargas foi o ponto alto do discurso do sr. Hermenito Dourado, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Energia Elétrica da Bahia e líder religioso, que disse:

«O sr. Getúlio Vargas tem uma grande bandeira de demagogia na Bahia — é a Companhia Hidrelétrica de São Francisco. Mas podemos afirmar que esta usina foi criminosamente, sob a responsabilidade direta do govêrno, entregue às subsidiárias da Bond & Share que operam em meu Estado. Com a venda da energia elétrica de Paulo Afonso a esta companhia não poderá haver desenvolvimento industrial na Bahia nem nos Estados vizinhos».

Idêntico conteúdo teve o discurso do vereador Afonso Celso, do PSB fluminense: «Amaral Peixoto, genro do sr. Getúlio Vargas, anunciou em seu discurso no dia 3 de fevereiro como grande iniciativa, a solicitação de um empréstimo ao Banco Internacional de Desenvolvimento. Ora, uma solicitação dêste tipo é mais um passo para aumentar a dominação dos trustes norte-americanos na economia nacional. E' uma medida entreguista como todas as medidas que toma o govêrno».

O deputado paranaense Gastão Vieira de Alencar, do PTB, apresentou o quadro dramático dos camponeses de seu Estado, vítimas da miséria e da violência. A certa altura de seu discurso disse: «A Convenção marcará novos rumos na evolução do povo brasileiro. Fixará tambem novos conceitos nas relações sociais. Será uma reunião de reformas radicais de onde sairá um programa de ação comum do povo».

Assim foi a reunião do dia 3: uma demonstração de combatividade, de acendrado patriotismo, a unidade na luta contra o imperialismo norte-americano e seus sustentáculos dentro de nosso país.

MEDIDAS PRÁTICAS PARA O ÊXITO DA CONVENÇÃO

No dia 4 pela manhã as delegações se reuniram a fim de debaterem a atual situação dos trabalhos preparatórios da Convenção e adotarem medidas destinadas a intensificar ao máximo os esforços para assegurar o pleno êxito do conclave.

Destacam-se entre essas medidas as seguintes:

1 — A ampliação da Comissão Preparatória da Convenção através da formação de Conselhos Consultivos, dos quais participarão representantes de todos os Estados;

2 — Elaboração de um documento sôbre o desenvolvimento da campanha destacando-se, sobretudo, o seu aspecto patriótico.

3 — Constituição de um Fundo Nacional de Propaganda coberto pelas parcelas que cada Estado estabelecer, de acôrdo com suas possibilidades, para a execução de um plano de viagens por todo o país a fim de impulsionar os trabalhos da Convenção.

Finalmente, fixaram-se as datas para as convenções municipais — entre 15 do corrente e 15 de março — e para as convenções estaduais — até 30 de março.

A CONVENÇÃO EXPRESSARÁ A VONTADE DA NAÇÃO

As convenções municipais e estaduais serão precedidas de intensos debates, de intensa propaganda dos objetivos patrióticos da Convenção. O seu temário que permite o debate amplo de todos os problemas do país, desde as questões de caráter local até os grandes problemas nacionais, será discutido nas fábricas, fazendas, em reuniões, assembléias e comícios. Todas as camadas progressistas da população, desde a classe operária e os camponeses pobres, até os industriais, comerciantes, agricultores e pecuaristas debaterão seus problemas nas convenções municipais e estaduais, apresentarão as soluções que julgarem mais adequadas, contribuindo assim para a elaboração do programa de ação comum na Convenção Nacional. A eleição das mais prestigiosas personalidades para o conclave de abril, expressando tôda a amplitude do movimento, será uma garantia de êxito para a Convenção Pela Emancipação Nacional, expressará realmente a vontade da maioria do povo brasileiro, o seu anseio por um futuro de progresso e construção pacífica para o Brasil.

DECIDEM OS LÍDERES CAMPONÊS ES:

MOBILIZAÇÃO DE TODOS PARA A CRIAÇÃO DOS SINDICATOS RURAIS

A COMISSÃO Permanente da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, reunida em S. Paulo no dia 23 de janeiro último, tomou importantes decisões, dentre as quais a de promover a realização de Conferências Estaduais de Trabalhadores das Fazendas de Café e de um Congresso Nacional dos Trabalhadores da Industria e da Lavoura Canavieiras.

Foram tratadas importantes questões. Após ser apresentado o relatório da divulgação e a aplicação das resoluções da I Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, o líder camponês Sebastião Dinart dos Santos, de Monte Aprazível, referiu-se à necessidade de os camponeses reforçarem sua organização e a luta pelas reivindicações, buscando estreitar os laços de amizade com os operários na luta comum que enfrentam contra a exploração e a opressão.

Combatendo os latifundiários, declarou que êstes se articularam para de sencadear uma campanha reacionária contra a criação dos sindicatos rurais e, que, «é nosso dever convocar todos os trabadores do campo e das cidades para a defesa dêsse direito democrático, que é reconhecido pela Constituição Federal e por leis do país». «A mobilização de todos os camponeses — acentuou — e a solidariedade ativa da classe operária é que poderão decidir dessa luta».

A reunião da Comissão Permanente encerrou-se com a aprovação de importantes resoluções:

1 — Tomar medidas práticas para a convocação de um Congresso Nacional dos Trabalhadores da Industria e da Lavoura Canavieiras, a realizar-se em S. Paulo, nos dias 23 e 24 de maio de 1954;

2 — Promover a realização de quatro Conferências Estaduais de Trabalhadores das Fazendas de Café, nos Estados de S. Paulo, Paraná, Minas Gerais e Espirito Santo, nos dias 17 e 18 de abril dêste ano.

3 — Realizar a próxima reunião da Comissão Permanente na primeira quinzena de julho dêste ano, para decidir sôbre a convocação da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas.

4 — Que as Comissões Estaduais devem elaborar e levar à prática, em cada Estado, um plano de criação de Sindicatos Rurais, Associações, etc.

5 — Que as Comissões Estaduais sejam ampliadas, incluindo nelas dirigentes de várias organizações de trabalhadores agrícolas e líderes camponeses.

6 — Que a luta pelas reivindicações das diferentes camadas de trabalhadores do campo seja organizada e levada à prática de maneira concreta em cada fazenda, usina, e latifúndio.

7 — Eleger uma Diretoria da Comissão Permanente para articular todos os trabalhos desta Comissão e estabelecer melhores ligações com as Comissões Estaduais. Essa diretoria ficou composta de: Presidente, Francisco Scrivane; Vice-presidente, Sebastião Dinart dos Santos; Secretário, Primitivo Pais da Silva; Tesoureiro, Júlio Augusto Correia.

8 — Realizar a mais ampla divulgação das Resoluções e do Apêlo aprovado na Conferência Internacional dos Trabalhadores Agrícolas e Florestais, realizada em Viena.